Ambulantes

BRASIL, TODAVÍA

HISTORIAS DE RESISTENCIA



cuéntame un cuento

Brasil, todavía. Historias de Resistencia.

Brasil, todavía. Historias de Resistencia.

Carlos Roberto Teixeira Moreira, Luiz Henrique Moreira Soares, Alex Alexandre da Rosa, Maria Angélica Ferrasoli, Joedyr Gonçalves Bellas, Joana Tânia Pereira dos Anjos Raphael, Paloma Mascarenhas de Oliveira, André Geremia Parise, Antonio Sergio da Gama Bentes, Josiclei de Souza Santos, Rafael Zulato Langraff.





Organización:

Apoyo:

Título original de la obra: *Brasil, todavía. Historias de Resistencia.*

© de los textos: cada uno(a) de los(as) autores(as).

Primera edición: © Ediciones Ambulantes y Centro de Estudios Brasileños de la Universidad de Salamanca, 2018.

edicionesambulantes.com

cebusal.es

Proyecto gráfico de la cubierta: Andréa Bellotti e Shay Reis.

Maquetación: Andréa Bellotti e Shay Reis

Corrección y revisión: Aline Pereira da Encarnação y Víctor David López.

ISBN: 978-84-947878-1-2.

Esta publicación digital ha sido proyectada como material de divulgación de descarga gratuita, y reúne los mejores cuentos del II Certamen de Relato Breve del Centro de Estudios Brasileños de la Universidad de Salamanca. La autorización para el uso de cualquier fragmento de este libro debe ser solicitada por escrito a Ediciones Ambulantes o al Centro de Estudios Brasileños de la Universidad de Salamanca.

Índice

- ***Introducción – Introdução.***
- ***A guerra da poeira***, por Carlos Roberto Teixeira Moreira.
- ***Tristes Trópicos***, por Luiz Henrique Moreira Soares.
- ***Espírito de porco***, por Alex Alexandre da Rosa.
- ***O dia em que os espanhóis chegaram***, por André Geremia Parise.
- ***Awaxi-á (Uma lenda brasileira)***, por Antonio Sergio da Gama Bentes.
- ***Remini o quê? Reminiscências***, mano, por Joana Tânia Pereira dos Anjos Raphael.
- ***Onde canta o sabiá***, por Joedyr Gonçalves Bellas.
- ***Emboscada***, por Josiclei de Souza Santos.
- ***Maria do Brasil***, por Maria Angélica Ferrasoli.
- ***Cacique***, por Paloma Mascarenhas de Oliveira.
- ***Amazonas***, por Rafael Zulato Langraff.

INTRODUCCIÓN

Cada vez llegan más cuentos. La gente cada vez tiene más ganas de escribir, de contar, de desahogarse, de explotar. Cada vez hay más escritores que no saben que lo son, pero lo son. El certamen “Cuéntame un cuento” de 2017, organizado desde el Centro de Estudios Brasileños de la Universidad de Salamanca, ya fue todo un éxito. Esta segunda edición lo ha sido más si cabe.

Y no es fácil que cuatro personas formen un jurado y valoren los textos presentados a concurso. Es bonito, pero complicado. Hay que colocar sobre una balanza múltiple todas nuestras sensaciones: la emoción al leer los textos, la ilusión de verlos formando parte de este libro que ya es una realidad, la responsabilidad de tener que defender estos cuentos ante cualquiera y para siempre, pues para siempre quedarán.

Este trabajo de valoración –después de una primera selección de Esther Gambi, del Centro de Estudios Brasileños– les correspondió a Aline Pereira da Encarnação, Hugo Milhanas Machado, Pedro Serra y Víctor David López. Y comenzaron los debates internos y externos sobre lo que nos evocaban los cuentos, lo que nos enseñaban, cómo estaban escritos, con qué fórmulas, con qué secretos, su capacidad de transmisión, de conexión, sus ideas, su originalidad, su calidad.

Es reconfortante ver cómo en un solo certamen literario sobre Brasil, su realidad y su historia, pueden encontrarse la larga lista de heridas y de resistencia que forman una nación. *Brasil, todavía*. A través de estos cuentos el lector puede sobrevolar las zonas más rurales y las más urbanas, puede cruzar el Amazonas, inscribirse en las campañas de alfabetización, aprender de los pueblos originarios, conocer los movimientos de los sin tierra y de los trabajadores sin techo, y recordar la época de la colonización y la esclavitud.

Todo ello mientras se brinda por el buen estado de salud y de forma de la literatura en general, y del relato breve en particular. Porque necesitamos pensar, todavía. Necesitamos resistir, ahora más que nunca.

Ediciones Ambulantes.

INTRODUÇÃO

Cada vez chegam mais contos. As pessoas cada vez mais têm mais vontade de escrever, de contar, de desabafar, de explodir. Cada vez mais existem escritores que não sabem que são, mas são. O certame “Cuéntame un cuento” de 2017, organizado pelo Centro de Estudios Brasileños da Universidade de Salamanca, já foi um sucesso. Esta segunda edição foi ainda mais, se é possível.

E não é fácil que quatro pessoas formem um júri e avaliem os textos apresentados no concurso. É bonito, mas complicado. É preciso colocar numa balança múltipla todas as nossas sensações: a emoção ao ler os textos, o entusiasmo por vê-los formando parte deste livro que já é uma realidade e a responsabilidade de ter que defender esses contos perante quem for e para sempre, pois é para sempre que eles existirão.

Este trabalho de avaliação –depois de uma primeira seleção da Esther Gambi, do Centro de Estudios Brasileños– foi atribuído à Aline Pereira da Encarnação, ao Hugo Milhanas Machado, ao Pedro Serra e ao Víctor David López. E deram início aos debates internos e externos sobre o que os contos nos evocavam, o que nos ensinavam, como estavam escritos, com quais fórmulas, com quais segredos, sua capacidade de transmissão, de conexão, suas ideias, sua originalidade, sua qualidade.

É reconfortante ver como em apenas um certame literário sobre o Brasil, sua realidade e sua história, podem ser encontradas uma longa lista de feridas e de resistência que compõem uma nação. *Brasil, todavía*. Através destes contos o leitor pode sobrevoar as áreas mais rurais e as mais urbanas, pode cruzar o Amazonas, matricular-se nas campanhas de alfabetização, aprender com os povos originários, conhecer os movimentos dos sem-terra e dos trabalhadores sem-teto, e relembrar a época da colonização e da escravidão.

Tudo isso enquanto brinda pelo estado de boa forma da saúde da literatura em geral, e do relato breve em particular. Porque, ainda, precisamos pensar. Precisamos resistir, agora mais do que nunca.

Ediciones Ambulantes.

A Guerra da Poeira

Carlos Roberto Teixeira Moreira

De Lourdes abre as janelas da casa, duas folhas feitas com madeira de Angelim, compradas fruto de um ano juntando dinheiro nas lavagens de roupas. O sol entra pela sala, sempre bem arrumada, um sofá doado pela antiga patroa e trazido de carroça lá das bandas da Quintino ainda serve, é só dar uma arrumada, disse a senhora. Era nele que De Lourdes costurava as roupas do marido que trabalhava na fábrica do Jaú. Não havia necessidade de fechar a casa, dizia Seu Paulo, as paredes eram cheias de brechas, mas pelo menos não entra esse poeiral, rebatia Lourdes. Realmente a Maurity parecia naquele verão um caminho de volta para o sertão do Ceará, um barro seco que levantava uma nuvem de poeira com o passar dos carros.

Já eram seis da manhã, Dona Isabel já devia ter chegado da Ceasa e sua banca deveria estar com umas verduras bem fresquinhas, pensou Lourdes, ia dar para fazer um cozido com a carne de paca que ainda tinha, era só dessalgar e cozinhar na lenha que antes do meio-dia já estaria pronto. Antes de sair limpou o retrato do filho, Marcinho, um moleque pretinho que não vingou porque tomou leite vencido na Santa Casa. Era o que ela dizia, não sabia explicar ao certo a morte do filho enterrado no São Jorge. Tá melhor que eu, pensou.

No caminho para a feira da Pedreira conversou rápido com Seu Flaviano, ele disse que teve uma reunião na Aparecida, e aquela poeira não podia continuar, disse que o povo tinha tomado uma decisão, iam até a prefeitura falar com doutor Ajáx de Oliveira. Ele sempre ouvia seus eleitores. Seguiu para Pedro Miranda e quase não consegue respirar de tanto pó. Na feira, não se falava de outra coisa, estava impossível. Com esse sol já não basta andar todo breado, ainda tem que comer terra no lugar da farinha, gritava lá dentro Oséas que tinha que pagar os moleques para ir buscar água para jogar na carne. Senão, quem vai comprar carne cheia de barro?, pensava.

Lourdes voltou para a casa pelo mesmo caminho, Maurity direto até o número 121 pouco depois do canal da Pirajá. Chegou e olhou para a espada-de-São-Jorge que já estava perdendo o verde com esse calor. Entrou, foi até o quintal, puxou do poço um balde de alumínio, lavou as pernas que tinham ficado tuíra da poeira, puxou outro balde e levou para jogar no vaso que protegia a casa de agouro. Foi cozinhar, tinha ganhado da amiga feirante de longa data uns maxixes e uma batata-doce para o cozido.

Meio-dia não tinha mais sombra, o sol está no meio do céu. Certo como um relógio chegou Seu Paulo, pegava às onze da noite e largava às onze da manhã, ia e vinha a pé, era só dobrar na Senador Lemos que dava para ver ao longe a fábrica do Jaú. Sempre nas festas de fim de ano ganhava umas camisas sociais muito elegantes, como agradecimento dos donos, pensava ele. Andar até o trabalho era um caminhar de gente que pensava estar criando um futuro diferente para os que viriam depois. Antes de entrar na fábrica, pegava um pouco de água do lago que tem na praça, para lavar as botas cheias de terra. Olhou para a onça de mármore e imaginava que era assim o ânimo dos seus amigos que iam virar mais um turno na beira da caldeira.

Sentou, perguntou para a mulher o que tinha de novo, ligou o rádio na Super Marajoara, e ficou ouvindo enquanto Lourdes falava do chiado do povo na feira sobre a poeira dos infernos. Ralhou com a mulher, não fala besteira na mesa, chamando o feio na hora da comida. Na verdade a mulher era de uma fé rija como o Taperebá que crescia desde quando vieram morar ali, depois que resolveram se juntar, mas aquela situação já estava mexendo com os nervos de todos. Seu Paulo falou que se estivesse no turno da tarde também ia nessa reunião com o prefeito.

À tarde, deitados cada um em sua rede na sombra de um pé de Biribá, conversavam sobre como estariam os filhos. Miguel trabalhando em São Braz atrás do terminal no despacho de tecidos que chegavam de Recife. Graça começou amigada com Dionísio, agora morava perto do Quartel na Cremação onde o marido servia, no ano seguinte ele ia fazer curso no Rio, talvez nem voltassem mais, pelo menos não ia virar lavadeira, se conformava Lourdes. Gabriel –Gagá–, o caçula, esse era a estrela que iluminava toda a família de orgulho. Passou na Faculdade de Engenharia Mecânica, morava com a tia no Guamá para ficar mais perto da aula, adorava ler, contava histórias da Federal toda vez que vinha em casa, em visitas cada vez mais remotas. Enfim, eram os estudos, suspirou Lourdes, pensando se o filho tinha comido, se estava com a camisa passada. Seus filhos nunca andaram lanzudos, desde crianças acostumados com a alfazema da mãe.

Seis da tarde tomaram uma sopa, fecharam a casa e fizeram planos de ver a passagem da santa dessa vez no Largo do Redondo. Faltavam três meses para o Círio. Às dez e meia da noite, Seu Paulo levantou da rede, beijou o rosto da mulher e disse: fica com Deus, minha velha. Lá ia ele mais

uma vez pela Maurity, só o luar de verão vigiando seu caminhar. Belém dormia uma noite quente na Pedreira, batia um vento que fazia as folhas das árvores produzirem um som gostoso. A mode que chamando o sono, Lourdes dormiu. Ninguém entrava naquela casa, sabia ela. A vizinhança, tudo gente de confiança, uns reparavam os outros.

Quando abriu a janela de manhã, ouviu ao longe um alarido. Estava acontecendo algo diferente na Maurity, não estavam passando carros, foi para o meio da rua com outras vizinhas e viu o povo carregando troncos de árvore, pedaços de pau, e amontoavam na esquina da Senador Lemos com a Maurity. Comentavam que tinham fechado com barricadas também a Antônio Everdosa, a Pedro Miranda nas esquinas da Estrella, Barão e Angustura, não passavam carros, a reunião na prefeitura não passou da porta, nada resolvido, a comunidade resolveu pôr aquilo como forma de ser vista pelo restante da cidade.

Por volta das dez chegou um repórter do *Estado do Pará* para registrar o acontecimento. Dona Marta do Centro Comunitário da Vileta tomou para si a responsabilidade e falou que estavam decididos a sair dali só quando viesse pelo menos um carro-pipa para jogar água nessa poeira. O repórter perguntou se eles não tinham medo de quando anoitecer a cavalaria aparecer para dispersar o povo. Marta respondeu que estavam cansados de andar até o Catarina Labouré para pegar xarope que aliviasse a tosse das crianças, era um absurdo. Uma vez o doutor Ajáx de Oliveira veio com o governador Aluísio Chaves em uma comemoração na paróquia de Aparecida e falou de jogar um piche nas ruas, e nada.

O primeiro dia foi tenso, mas ficaram lá, fizeram peixe avoado, trouxeram jacas e goiabas de um terreno da Antônio Baena, foi ficando tarde, se juntaram mais pessoas, contaram histórias, trouxeram os tambores do terreiro de Dona Ermita da passagem Santa Catarina, tocaram carimbó e viveram uma noite que há muito não tinham. Porque com aquela poeira não dava mais para ficar na frente das casas. Lourdes levou bolo de macaxeira, Seu Paulo ficou até a hora de voltar ao trabalho ajudando a fortalecer a barricada na Maurity.

Com o amanhecer não chegou somente a luz do sol, chegaram também a polícia e a cavalaria, e dois carros com placas brancas que deles ninguém saiu. Mas a ordem era acabar com aquilo. Uma correria, mulheres e crianças apanharam, os soldados gritavam para as mulheres irem lavar roupa no canal. Começou uma resistência quando gritaram que a barricada

na Barão estava de pé ainda. A feira da Pedreira tinha virado praça de guerra, tudo era arma, tomate, cebola, caixote vazio. Uns corriam por dentro da feira, outros pulavam os quintais, já tinham presos na delegacia, resistiram o segundo dia, o terceiro, saiu nos jornais, até *O Liberal* teve que noticiar. Parece que está tendo guerra na Pedreira, falavam no *Ver-o-Peso*. Os grupos políticos que organizavam a luta contra o regime militar davam apoio, Belém começou a falar de uma *guerra da poeira* que acontecia.

Passaram cinco dias depois dessa manifestação, enfim chegou uma língua de piche na Maurity, os moleques melavam o pé para ficar com a sola preta, e riam em danação correndo para se jogar no Canal do Galo. Até os jambos pareciam que nasciam mais roxos nesse verão de julho em 77.

De Lourdes e Seu Paulo já tinham planos para aquele dia que chegaram as caçambas e os trabalhadores para espalhar o asfalto. Depois do almoço iriam para a Pedro Miranda pegar uma condução até o Clipper de São Braz, Lourdes levou um pote de geleia feita com cupuaçu para o filho Miguel. Seu Paulo ficou lá com o filho, estava de folga do trabalho na fábrica. A mulher foi pulando de condução em condução até chegar na Cremação, a filha Graça morria de rir das histórias da mãe, na guerra. O quê? Disse pra ele. Tu é grande pras tuas calças, não pra mim. Mas mamãe, dizia a filha, falou que Gagá tinha ido até lá dia desses saber notícias de casa, passou rápido, ele e suas histórias. Falou que em Nova Yorque faltou luz por 25 horas. Esse pequeno nasceu para o mundo, disse De Lourdes.

Na hora combinada De Lourdes e Seu Paulo se encontraram na frente do Regatão para voltar pra Pedreira. O Miguel me levou pro campo, comentou ele. Por isso que tu estava aceso pra vir em São Braz, sorriu ela. E como foi? O Remo ganhou do Liberato de Castro três gols do Vilfredo e outro do Mesquita, pretinho é bom, disse orgulhoso.

Voltaram para casa na Maurity, agora escura do asfalto. É, velha, as coisas vão mudar, quem sabe a gente não compra uma Caravan para colocar toda nossa família dentro? Sonha, que sonhar faz bem, disse a mulher. Sabe, o que eu queria mesmo era uma televisão dessas que vendem na Mesbla. Já juntei uns cruzeiros, vai dar, sorriu orgulhoso da esposa. A gente compra no fim do ano, eu te ajudo, disse Seu Paulo. A casa se encheu de um calor que há muito não sentia. Afinal, o trabalho a noite não deixava. Belém dormiu um sono tranquilo de camomila fervida.

Belém, 40 anos depois.

Tristes Trópicos

Luiz Henrique Moreira Soares

À Rosenilton Pereira, líder de acampamento sem-terra em Pau D'arco, e aos dez trabalhadores rurais assassinados no sudoeste do Pará, em 2017.

Aqui em Pau D'arco reza não salva de tiro, não salva não, não salva porque Deus não tá olhando direito pro chão, não vê homem nenhum de enxada na mão, não vê, e no meio da noite, zunindo, é só estalo repentino que faz assustar cachorro louco, reza não salva de tiro, meu filho, Pau D'arco já não é mundo faz tempo, sertão já não é mundo faz tempo, tem homem matando por terra, tem gente fazendo guerra, e o sol que queima a testa força a gente a mostrar nossa coragem, todo dia tem que mostrar a nossa coragem, coragem de enfrentar a lida, de erguer a roça no braço, de tentar ser um pouco de gente nesse mundo, mas sabe, filho, eu tô velha demais e minha reza não salva de tiro, não te salvou de tiro algum, não deu pra ver nada, ficou tudo escuro de repente, a vida tem disso, de deixar tudo escuro pra gente, aqui em Pau D'arco anda tudo tão escuro, aqui em Pau D'arco não tem vontade de mais nada, meu filho, a gente se trancou em casa, sabe, é medo que vai dando na gente, medo e raiva, eu tenho tanto orgulho de você, meu filho, tenho sim, era homem de movimento, sabe, homem que lutava na terra e tinha sangue pra dar por ela, e você deu sua vida, filho, mas esse mundo tá injusto demais, tá vendo?, e o que é justiça?, me diga, me diga, levanta daí e me diga, se justiça é ver sangue coalhando na terra, então a gente tá no inferno, isso aqui tá um inferno, filho, e essa tal de reforma agrária que nunca sai, essa espera que só traz agonia pro peito da gente, a gente vive é da espera, filho, isso sim, do dia que o governo reconhecer os direitos da gente, o direito de viver, de plantar, a gente lutou tanto pra tá aqui, a gente só quer plantar, filho, mas não tão deixando não, não tão, e eu não vi Deus nenhum nessas horas, Deus não te salvou de tiro nenhum porque não quer meter o bedelho onde não sabe, aqui tá tudo meio escuro, sim, Deus não consegue ver nada, eu também ando ruim da vista, filho, é catarata, é ruim porque vai embaçando as coisas, a gente vai deixando de ser gente, aos pouquinhos, sabe, filho, a gente deixa de ser gente quando perde a vista e quando deixa de lutar, quando deixa de lutar é o fim de tudo, a gente de Pau D'arco sempre foi de luta, nossa luta sempre foi por terra boa pra viver e pra plantar, seu pai e eu viramos gente foi é procurando terra pra viver, é ela quem fez a gente ser o que a gente é, e você nasceu assim mesmo, você sabe, no meio da terra, nasceu e brotou no meio da terra, foi

homem da terra, toda a vida, e eu tenho tanto orgulho de você, meu filho, homem da terra que sempre lutou por onde nasceu, e eu sinto tanto a sua falta, sinto sim, nem imagina, seu pai também mas ele ficou em casa, não quis vir não, é coisa demais pra aguentar, sabe, seu pai é bruto demais e essas coisas desmoronam a gente, acho que também não vou aguentar não, meu filho, tá difícil, a nossa vida que não vale nada, a gente sendo comido pelo diabo, a gente sozinho, esse povo vive falando que a gente é sem terra, a terra tá dentro da gente, filho, sempre teve essa vontade de mexer no mundo que faz a gente ser terra, é essa coisa de revolução que faz a gente ser terra, eu não sei mais o que vai ser de mim, filho, não sei não, eu nunca pensei em ter que fazer isso, filho, despedir de você, assim, não, filho, não quero não, é tudo isso pela maldita terra, a gente sabe, é tudo por isso, e nada vai trazer você de volta, nada, é a maldita terra que não vale a vida da família da gente, calma aí, seu moço, não fecha o caixão não, deixa eu ver meu filho mais um pouquinho, deixa eu ver o rostinho dele, deixa, é só mais um pouquinho, seu moço, deixa eu sentir o cheirinho dele, deixa, por favor, meu filho não vale essa terra maldita, você tá me ouvindo bem?, não vale, tá me ouvindo?, essa desgraça de país tá arrancando a vida da gente na unha, isso sim, tá todo mundo afundado nessa escuridão, meu filho não tem culpa dessa guerra, ele era meu filho, meu menino, a roupa dele tá lá na estrada ainda, quem vai pegar?, quero ver quem vai pegar, tá suja de sangue, o chão tá sujo de sangue, já não aguento mais chorar pelo meu filho, não aguento, essa guerra tá deixando a gente sem rosto, tá lidando com a gente como se a gente fosse bicho, coisa queimada, inútil, osso roído, quem vai secar a lágrima da gente?, quem vai?, a gente conhece bem o choro, seu moço, reza aqui não salva ninguém de tiro, não salva não, a rua da minha casa tá que é só tristeza, essa terra tá molhada de sangue, sangue de gente que não tem culpa, não existe mais nada, seu moço, não existe não, eu não quero ter que voltar pra casa e ver o corpo do meu menino na televisão, quero não, a bandeira e a enxada dele tá lá na estrada, jogada, quebrada, sábado ele não vem em casa, nem domingo, reza aqui nunca salvou ninguém de tiro, seu moço, lágrima não faz nascer milagre nenhum, nunca nasceu, ninguém vai escrever poema pro meu menino, ninguém vai se lembrar do meu filho, ninguém vai se lembrar de fazer justiça, ninguém, eu só quero ver o rosto dele mais um pouquinho, sentir o cheirinho dele, eu só quero lembrar dele no silêncio, sabe, só dentro de mim, assim, não quero saber de mais nada, reza não salva de tiro, meu filho, é o que eu sempre te

disse, mãe tem sempre razão, filho, mãe é essa coisa de lutar duas vezes na guerra, filho, mãe é não saber direito onde termina a vida, filho, mãe é não saber mais quem é quem nessa terra, é não ver outra coisa a não ser esse amor que a gente tem, essa raiva, essa vontade de se vingar do mundo, essa vontade de cravar a unha suja na terra tentando achar resposta pra desgraça, é esse o diabo de ser mãe, meu filho, é esse o diabo de acreditar nas coisas demais, de querer um mundo bom pra família da gente, sabe, meu mundo já não existe mais não, filho, existe não, tão levando ele junto com você, pra debaixo dessa terra maldita, filho, essa terra maldita que só faz pra revirar a gente feito bicho, você sabe bem, moço, essa guerra de terra não vale a vida do meu menino.

Espírito de porco

Alex Alexandre da Rosa

Uma. Seu olhar não tem nenhum resquício de piedade. Pelo contrário, sua mão parece estar mais pesada do que antes, com mais ódio.

Duas. As marcas novas são iguais às velhas, aos poucos a gente se acostuma. O destino de um homem está, quando não vinculado às suas escolhas, submetido a essas correntes.

Três. De olhos fechados –reprimindo a dor– posso sentir a sensação de correr livre pelos campos ainda criança. O sol, o vento, tudo era diferente daqui. Sentia tudo com mais fervor. O gosto de terra é minha última lembrança de liberdade.

Quatro. Eu era um deles, meu pai era um deles. Fui instruído, educado e criado como um deles. Fui pego enganado enquanto brincava com os outros, fui vendido como um dos outros. Indigentes. Submissos. Agora sou um dos outros. E sinto ódio e pena deles.

Cinco. Dois meses em um sótão de navio comendo a dar com pau modifica qualquer homem, ainda mais uma criança.

Seis. Ainda sinto o gosto de carne seca e farinha. Dos banhos de água e vinagre. A sede era intensa. O calor. O sufoco. Os mortos nos acompanhavam por dias naquele infortúnio, seus fantasmas ainda me fazem companhia. Como argolas que cerram os punhos.

Sete. Os corpos daqueles que não resistiam eram jogados no mar igual mercadoria apodrecida. Talvez, encontraram alguma luz no fundo do oceano. Todos os dias penso na sorte que eles tiveram.

Oito. O pior estaria por vir.

Nove. Busco na memória, mas não me lembro de muita coisa. Todos os anos, dias e horas de sofrimento fizeram com que apagasse quase todas as recordações. Fazendo-me preso à meia-luz, como um dia infinito no inferno.

Dez. Aqui, apesar de tudo, aprendi o respeito pela natureza, pela vida e pelos outros seres, caso contrário, conforme nossa cultura nos ensina, poderia ser punido pelos espíritos com secas, enchentes e pestes. Acredito carregar muitos pecados sobre minhas costas.

Onze. Então, esqueço-me de tudo e me lembro de que valeu a pena cada desgraça deste continente. Minha mãe dizia que um homem só poderia ser completo quando encontrasse uma mulher virtuosa, que excede o valor de rubis. Finalizava, citando trecho de um livro sagrado.

Doze. Ela tem o sorriso mais belo que já vi. É como encontrar carne no angu. Mais do que isso, é como se toda a alegria fosse contemplada através

daqueles lábios. Como se trocasse tudo que mais anseio –minha liberdade– por um simples sorriso.

Treze. Sustento a lembrança. O sinhozinho não entende meu sorriso regado a sangue. O sonho do inatingível é o que mantém vivas as esperanças. Um galo desejando voar, ainda que desprovido do voo, aprecia ter asas.

Quatorze. Eu escaparia quantas vezes fosse necessário destes grilhões para me prender aos lábios da sinhazinha novamente. Nosso entusiasmo não equivalia à condição social, estávamos conectados a valores maiores.

Quinze. Ainda me lembro do dia que a conheci. Quando entrou curiosa na senzala e nossos olhos se cruzaram como quem busca a sua própria carta de alforria. Vivíamos na mesma fazenda, em mundos diferentes.

Dezesseis. Um dos escravos conseguiu capturá-la. Foi a primeira vez que estourei as correntes, não permitiria que a fizessem mal. Os limites de um homem vão além dos castigos.

Dezessete. Desde então nos amávamos às escondidas. Ela dançava ao som do batuque, eu a entreguei meu coração antes amargurado.

Dezoito. Tudo ficou mais fácil de suportar depois disso. Contudo, às vezes a penitência era forte demais. Nunca subestime o quão cruel pode ser um homem.

Dezenove. Senti todo o peso do ódio quando me recusei a matar um porco, não queria seu espírito preso a mim para sempre. Não entendem as nossas tradições; mas juro que essas correntes nunca os tornaram meus donos. Nunca serei como eles e seus espíritos de porcos.

Vinte. Sinto-me livre diante da prisão. Eles que estão presos à liberdade.

Vinte e uma. Olho para os lados; os meus –os outros– assistem com compaixão. Por sua vez, parecem se divertirem. Os alimentos que nos separam é o mesmo que colhemos.

Vinte e duas. Encontrei a mulher virtuosa, mas nem mesmo seus carinhos podem mais me confortar. Lembro-me quando seu toque já não ultrapassava o físico. As coisas não são tão fáceis.

Vinte e três. Meu povo sangra. Sucumbe às mãos destes capatazes. Nossa cultura, nossa crença, nossas crianças sendo esculpidas a açoites.

Vinte e quatro. Havia mais esperança nos olhares dos mortos do que nos nossos. Eles comiam com nosso suor e ainda assim éramos humilhados.

Vinte e cinco. Um dia eu descobri o verdadeiro significado do amor. A sinhazinha chegou à calada da noite. Chorando, e com um beijo, ela facilitou minha fuga.

Vinte e seis. E então, eu descobri um motivo pelo qual morrer. Sem falar nada, ela me mostrou o que fazer.

Vinte e sete. Após dois dias correndo no meio da mata, encontrei um quilombo. Já tinha ouvido falar, mas achava que era um paraíso de mentira. Um sonho que jamais pensei que alcançaria.

Vinte e oito. É uma lembrança boa. Podíamos dançar, rezar, viver livre. Por dias, pensei ter voltado à infância. Era uma sensação nova, fantástica.

Vinte e nove. No entanto, eu tinha outros objetivos. Não poderia desfrutar da liberdade sabendo de meus irmãos.

Trinta. Aprendi uma dança que posso usar para combater esses brancos. Sentirão o peso de uma vida reprimida.

Trinta e uma. Voltei, estava preso à sinhazinha para sempre.

Trinta e duas. Muitos conseguiram fugir. Se eu morrer hoje, estarei em paz pois saberei que alguns de nossos irmãos não vivem mais essa tortura.

Trinta e três. Eu nunca mais verei a sinhazinha. Entendi isso no seu olhar, quando me viu tacando fogo na senzala.

Trinta e quatro. Eu a amo, mas voltei para libertar o meu povo. Ela me ensinou várias coisas, palavras novas, sensações e me ensinou a pensar, serei sempre grato.

Trinta e cinco...

Trinta e seis. Acho que não vou suportar. Talvez, tenha que ser forte o suficiente para morrer.

Trinta e sete. Lembranças de infância me abraçam, estou sentindo uma sensação leve, gostosa.

Trinta e oito. Caio de joelhos. Minha mente está vazia. Meus pensamentos me confundem.

Trinta e nove. Sinto-me correndo pelos campos. O vento toca em meu rosto.

Quarenta. Acho que encontrei a minha liberdade novamente.

Quarenta e uma...

Quarenta e duas. Ouço alguém gritar chorando.

Quarenta e três. É a voz dela, estava enganado, verei seu rosto mais uma vez.

Quarenta e quatro. Levanto-me. Todo homem precisa de uma razão.

Quarenta e cinco. Essas são minhas lembranças.

Quarenta e seis. As lágrimas de meu povo.

Quarenta e sete. O sorriso da sinhazinha e o fruto em seu ventre.

Quarenta e oito. Conforta-me saber que ele será livre. A escravidão está com os dias contados.

Quarenta e nove. E assim, suporto as cinquenta chibatadas.

Cinquenta. Fecho meus olhos e meu espírito se liberta.

O dia em que os espanhóis chegaram

André Geremia Parise

Dizem que antes dos grandes acontecimentos, daqueles que mudam a vida de muitas pessoas ao mesmo tempo, o mundo sobrenatural percebe e se manifesta, talvez porque tais eventos também tenham repercussão nos seus domínios obscuros de um modo que provavelmente jamais será explicado.

Foi isso que sentiu, naquela úmida manhã de fevereiro de 1777, Miguel Souza, soldado raso que fazia parte da guarnição da fortaleza de São José da Ponta Grossa, localizada sobre um pequeno promontório no litoral norte da bela Ilha de Santa Catarina, no sul do Brasil, a fim de proteger a entrada de uma de suas baías. Naquela manhã, Miguel desceu da fortaleza de pedra até os costões sob ela para encontrar-se com seus amigos, os soldados José Augusto e Pedro Lopes.

Encontrou-os em mangas de camisa, descalços, com a casaca aberta e chapéus de palha, deitados sobre as pedras e com varas de pesca feitas de taquara nas mãos, na tentativa de pescar alguma garoupa. Fumavam despreocupadamente e de vez em quando moviam a linha. Pedro, ao avistá-lo, comentou com José enquanto observava o rapazola descer aos pulos as pedras do costão. Miguel tinha apenas dezesseis anos.

—Eh, lá vem o nosso guri! –exclamou Pedro.

—Parece alegre pra quem acabou de acordar –respondeu-lhe José, observando o menino descer desengonçado.

—Bãos-dia! –saudou, arfante, Miguel quando chegou.

—Bãos-dia! –responderam–. Tá disposto dijahoje, vossa mecê!

—Eu precisava falar com vancês! Aconteceu algo muito estranho ontem à noite, que eu tinha que falar.

—Mijasse na cama, foi? Isso não seria estranho, considerando a tua idade! –caçoou Pedro, irrompendo numa gargalhada rouca. Pedro sempre caçoava o pobre Miguel, mas apesar disso, eles eram amigos e se gostavam. Miguel corou e atrapalhou-se no que ia dizer.

—Mas deixe o pobre Miguel! –repreendeu José–. Não está cedo pras tuas piadas? Pedro tentava recuperar o cigarro que quase caíra de sua boca enquanto ria e Miguel recomeçou seu relato.

—Eu não mijei na cama –disse, aborrecido–, mas acordei pra mijar e saí do quartel. E enquanto eu tava vertendo água no muro, eu vi voar por riba do forte e cantar três vez o rasga-mortalha. Isso é de mau agouro, minha Nossa Senhora. Algo de ruim vai acontecer, eu acho.

—Isso não é mau agouro, Miguel, isso é superstição –interrompeu José, que era o mais culto dos três. José era português de nascença e sabia

ler alguma coisa, embora tudo o que tivesse para ler era um missal carcomido.

—É sim! –protestou Miguel–. Até porque, quando eu olhei pro rasga-mortalha, eu vi que em riba do telhado da isgreja tinha um gato preto. Assim que olhei pro gato ele derrubou uma telha da isgreja, que foi cair lá embaixo! Diz se isso não é mau agouro! Primeiro, o rasga-mortalha, adepois o gato! Vai acontecer algo de ruim, de muito ruim –continuou o rapaz, desanimado.

—Não vai acontecer nada. Deixa de ser tolo, moleque! –reprimiu Pedro–. Pelo menos não aqui em Santa Catarina. Quando foi que aconteceu algo aqui na Ilha? A maior desgraça que eu consigo lembrar foi quando o Antônio morreu com aquela chifrada na farra do boi. E aquilo, Deus me perdoe, eu nem sei se foi uma desgraça. O patife era tremendamente aborrecido, e ainda roubava no jogo! –concluiu com uma cusparada no mar.

—Não acho que seja tão assim como dizes, Pedro. Eu sei que a situação na Europa está um pouco tensa. Os espanhóis estão bravos porque tomaram deles as bandas do Rio Grande.

—Os espanhóis! –interrompeu Pedro–. E desde quando isso tem a ver com nós? Eles podem se bater lá nas banda do Rio Grande, ou até em Portugal, mas aqui não chegam nem os respingos! Faz quantos anos que construíram essa fortaleza? –disse, fazendo um gesto em direção aos muros de pedra acima deles–. E até hoje nunca serviu pra nada! Se aqui fosse mesmo importante, já teriam atacado há muito tempo!

—Não acho que estejas certo –respondeu José–. Eu já ouvi dizer que o marquês de Pombal está preocupado que os espanhóis queiram tomar posse da Ilha, existe uma chance disso acontecer.

Miguel ouvia a conversa dos dois com interesse.

—Os espanhóis não vão chegar é nunca! –rebateu Pedro–. Nada acontece na Ilha de Santa Catarina, é o que digo! E se tu, meu caro amigo, acreditasses no que tu mesmo dizes sobre os espanhóis, estarias lá em cima lubrificando a tua arma ao invés de ficar aqui pescando.

José deu um puxão na linha, aborrecido. De fato, a vida na fortaleza era extremamente pacata, tediosa até. O capitão Simão Rodrigues Proença, comandante do forte, até tentava manter alguma rotina, mas era difícil manter qualquer disciplina quando não havia nada a ser feito, especialmente nos meses em que faltava munição ou que os soldos se atrasavam. Assim, os soldados da fortaleza passavam, de modo geral, na mais profunda

indolência, ou ocupando-se de pequenos serviços, pescando e procurando mulheres.

—E quanto a ti, meu jovem Miguel –continuou Pedro–, ao invés de te preocupares com piados de passarinho devias estar te ocupando da tua preta. Gemidos de mulher são sempre melhores de se ouvir à noite do que gemidos de rasga-mortalha –disse, às gargalhadas. Desta vez a queda do cigarro na água foi inevitável.

Miguel ficou rubro de vergonha. Alguns meses depois de ser convocado para servir na fortaleza havia conhecido uma jovem moça, Naná, filha de uma escrava alforriada que vivia sozinha com sua mãe cega nos brejos de Jurerê, que se estendiam ao leste da fortaleza. Ele passou a frequentar a moça e a ajudava financeiramente quando recebia o soldo. Queria casar-se com ela um dia. Pedro sempre fazia piadas com ele para deixá-lo embaraçado, não só porque era a primeira mulher que o rapaz conhecia, como também porque era negra.

—Para de aborrecer o rapaz! –queixou-se José–. Assim ele vai desistir de frequentá-la, e dentre nós ele é o que está melhor servido. Tudo o que nós temos é um bando de gajos que dormem conosco no quartel, e prostitutas nos dias de folga! –respondeu, tentando elevar a moral do envergonhado Miguel.

Passaram a manhã conversando ali nos costões até conseguirem pescar a garoupa, que foi levada secretamente à cozinha da fortaleza. Se o capitão Proença visse tal peixe certamente tê-lo-ia confiscado para a mesa dos oficiais.

O dia seguinte foi bastante chuvoso e realmente não havia nada a ser feito na fortaleza. Ao fim da tarde, José e Pedro jogavam cartas com os outros soldados do quartel e Miguel foi passar a noite com a sua namorada.

Na manhã seguinte, Miguel voltou cedo e foi imediatamente acordar José. Quando este se levantou, foram para a beira de um dos muros conversar admirando a bela paisagem marítima que tinham à frente.

—Tu sabes que a mãe de Naná não é devota de Nosso Senhor e Salvador e que ela prefere orar aos deuses dela –começou Miguel–. Mas ela também é conhecida por ser vidente, sabes? Ela tem algum outro sentido, outra percepção. Quando eu tava lá ontem, ela me chamou e disse que havia rezado pra algum daqueles deuses e havia visto, apesar de ser cega, uma grande desgraça acontecer sobre esta Ilha e que eu devia me proteger e

proteger Naná como pudesse. Tu acarditas nessas côsa? –perguntou Miguel, angustiado.

—Miguel, essas coisas dos escravos tu não deves acreditar. As únicas verdades saíram da santa boca de Nosso Senhor e estão escritas na Bíblia. O que tiver de profecia que não está na Bíblia, não é pra se acreditar.

—Mas, José! Eu também sinto que vai acontecer alguma côsa! Primeiro teve o rasga-mortalha e o gato, e isso podia ser côsa do bestunto da minha cabeça, mas aí vem a mãe de Naná e me diz o mesmo, algo vai acontecer! Como era aquilo que tu falasse dos espanhóis?

—Não te importes com isso, é mais provável que nunca nada aconteça, como sempre foi. Como o Pedro falou. Os espanhóis não vão chegar –respondeu José, tentando tranquilizar o rapaz.

Nesse momento viram que Pedro se aproximava, vindo do quartel.

—Bãos-dia! –cumprimentou Pedro–, o que vancês já tão conversando a essa hora da manhã?

—Miguel está preocupado com uma visão que a sogra dele teve –disse José.

—Eh, eh, eh! Ele não devia dar ouvidos àquela velha. Ela já deve estar variando da cabeça. Tu devias é prestar mais atenção ao que o José fala, ele tem alguma côsa na cabeça –concluiu, voltando-se a Miguel, que calou aborrecido.

—Ela disse um nome, também –continuou Miguel, tentando persuadir os dois–. Cevallos.

—O quê? –perguntou José.

—Cevallos –repetiu.

—Conheces? –indagou Pedro, olhando o mar–. Eu nunca osvi falar.

—Nem eu, mas parece um nome espanhol. Deve ser bobagem da cabeça dela e não devias prestar atenção. Vai encher a tua cabeça de tolices –depois disso os três foram convocados de volta, deviam ter alguma importantíssima tarefa inútil para realizar.

Naquela noite, Pedro esgueirou-se sorrateiramente para fora do quartel. A pouca distância do forte havia uma casinha onde funcionava um pequeno prostíbulo de três mulheres que serviam basicamente à fortaleza. Pedro aproveitava a lua quase cheia para fazer uma visita a essas tão prestativas senhoras.

Desceu a colina pela trilha sinuosa sem fazer barulho. De vez em quando virava um longo gole de cachaça de uma garrafa que carregava na

mão. Quando chegou à praia preferiu caminhar pela areia ao invés da trilha, pois o caminho estava mais iluminado pela lua. E foi quando, de repente, avistou uma mulher na beira da água, parada, olhando o mar. Ela trajava um vestido claro esfarrapado e parecia petrificada com os pés dentro da água.

Achando aquilo muito estranho Pedro tentou aproximar-se dela, mas a partir de certa distância, por mais que ele caminhasse, não conseguia chegar perto. A mulher apenas olhava para o horizonte e não era possível aproximar-se mais do que alguns metros, pois ela parecia estar sempre mais adiante. Ela parecia funcionar como um arco-íris fantasmagórico, sempre inalcançável.

Como era de se esperar, Pedro começou a ficar assustado. Gritou para a mulher, mas ela não esboçou reação. Apenas continuava encarando o mar, estática. Pedro gritou mais uma vez, sem resposta. Quando gritou pela terceira vez, a mulher virou-se para ele e o seu olhar pétreo foi uma das coisas mais assustadoras que Pedro já encarou. Ela não era feia, mas olhar para o seu rosto causava uma sensação estranha. Além disso, a luz da lua parecia dar uma fosforescência sobrenatural à sua pele branca.

—Estás fugindo também? –perguntou a mulher.

—Fugindo de quem? –respondeu-lhe Pedro.

—Se não estás, foge. Foge como eu! Foge comigo!

Pedro não sabia o que dizer. O rosto da mulher parecia implorar algo.

—É melhor ir embora, eles estão vindo, e são muitos! –repetiu ela.

—Eles quem, mulher! –gritou Pedro. Ele tentou correr em sua direção, mas novamente não conseguia se aproximar. A mulher estendeu a mão em direção a Pedro.

—Vem comigo! Estou com medo, e eles são tantos! –a mulher chorava.

—Quem és tu? –pediu Pedro–. Como posso ajudar?

—Se ficas, toma cuidado. Eles são muitos! Eu fujo –disse-lhe, resignada–. E cuidado com Cevallos.

Após essa sentença, a mulher baixou a mão e, ainda chorando, voltou-se para o mar. Começou a caminhar para dentro da água. Pedro tentou alcançá-la, achou que ela fosse se afogar, mas, para seu imenso pavor, ela não afundava. Quando se deu conta ela estava caminhando sobre a água, e assim sumiu na noite. Apavorado, Pedro jogou fora a garrafa de cachaça e correu de volta à fortaleza.

De madrugada, antes do sol raiar, Pedro, que não conseguiu dormir, acordou José e arrastou-o para fora do quartel para conversarem na amurada da fortaleza. Naquela pálida aurora a neblina ainda confundia os limites entre o céu e o mar.

—José, ontem à noite, na praia, tinha uma mulher –começou, atrapalhado, e aos poucos conseguiu contar tudo a José que ouvia sem conseguir acreditar. Parecia que Pedro tinha enlouquecido, tamanho o absurdo que narrava–. Eu juro! Ela foi-se embora caminhando por sobre as água, que nem fez Jesus Nosso Senhor. Igualzinho igualzinho. Eu não consegui ir atrás, e ela sumiu caminhando. Acho que era uma bruxa, sabes? Que nem nossos pais contavam que tinha lá nos Açores. Eu juro, vi tudo com esses olhos que a terra há de comer um dia! –contava, confuso. José não podia acreditar que Pedro também se estava deixando levar por essas histórias.

—Mas isso é uma peça que vocês estão me pregando? –perguntou, indignado–. Primeiro é o Miguel, e agora tu! Vocês só podem estar loucos. Aposto que estavas bêbado!

—Eu não tava louco, eu juro! Eu vi tudinho tudinho –respondeu Pedro, omitindo a parte da cachaça para não correr o risco de ser ainda mais desacreditado. Nisso, viram que Miguel se aproximava excitado. Ao ver a cara dos dois ficou curioso e acelerou o passo. Riu-se quando viu que Pedro falava de modo tão atrapalhado.

—O que é que houve? Pedro ficou caduco, finalmente? –perguntou, triunfante por poder caçoar de Pedro, mas recebendo um tapa na nuca em troca.

—Tu é que começaste a colocar titica na cabeça dele, agora Pedro também acredita que vai acontecer uma desgraça –respondeu José–. Conta pra ele o que tu viste, Pedro.

Miguel massageava o local em que recebeu o tapa enquanto escutava um breve relato. Ao terminar de ouvir, voltou-se para José.

—Visse? Visse? Eu falei! E olha, não foi só tu que visse coisas estranhas ontem –disse, falando a Pedro–. O Joaquim acabou de contar que ontem ele osviu uns barulho estranho fora do quartel e, quando saiu, viu uma bruxa cavalgando nos ares, segurando o cavalo pelas crinas! Ele disse que ela tava fugindo porque ia chegar um Cevallos, o mesmo nome que a mãe de Naná falou! Tá todo mundo apavorado no quartel, acho que vão

pedir pro frei José rezar uma missa hoje à tarde, só pra espantar esse mal! –disse, fazendo o sinal da cruz.

—Cevallos! –exclamou Pedro–. A rapariga da praia também disse esse nome, Cevallos! Ela disse pra tomar cuidado com ele.

—Vocês estão loucos? –gritou José, aborrecidíssimo. A situação era tão absurda que ele não conseguia acreditar–. O forte inteiro decidiu enlouquecer? Atiro-me destes muros, antes de enlouquecer convosco! Não é possível que estejam falando tais coisas!

—Mas nós vimos, José! E ouvimos! –clamaram Miguel e Pedro, em uníssono. Outras pessoas começaram a chegar perto, percebendo a discussão.

—Eu acho que tudo isso são avisos, José –continuou Miguel–. Talvez os espanhóis realmente vão atacar, não é isso que tu falasse que podia acontecer?

—Não, não e não! –exclamou José, furioso–. Não existem bruxas, não existem profecias, e vocês devem estar drogados, por Deus! Os espanhóis não vão atacar aqui! Não eras tu, Pedro, que dizias que nada acontece em Santa Catarina? Cadê a tua sanidade agora? Vocês deviam deixar dessas imbecilidades e ir limpar as latrinas, talvez encontrassem outras ideias do gênero lá dentro.

José havia ficado enfurecido. Contudo, outros soldados chegaram perto da discussão e cada um começou a comentar algo de bizarro que tinham visto nas noites anteriores, todas alucinações relacionadas aos espanhóis ou a Cevallos. José achou que sonhava, ou que tinha acordado num hospício, pois todos haviam enlouquecido, menos ele.

Rebatia com cada vez mais raiva os absurdos que ouvia. Histórias de gatos pretos, de almas, bruxas, aparições, todos balbuciando a mesma coisa. O que havia acontecido àquela fortaleza? Ele certamente teria que ir falar com o capitão Proença, alguém devia ter posto uma droga na água da fonte. Estava por sair daquela turba de alucinados quando, de repente, ouviu um forte chamado de trombeta.

Todos pararam de falar e prestaram atenção quando um vigia tocou novamente a trombeta e os sargentos começavam a dar ordens. Gritavam que havia uma esquadra inimiga a nordeste e chamavam todos aos seus postos.

José, Pedro e Miguel olharam para o mar. A névoa havia se dissipado, mostrando, ao longe, uma gigantesca flotilha de navios que se aproximava.

Uma flotilha tão grande e gloriosa que cobria todo o horizonte. Eram tantos navios que seria impossível contar todas as velas. E no alto de todos os mastros principais adejavam, orgulhosas, as bandeiras rubro-amarelas do Reino de Espanha. Na nau capitânia um homem observava a baía norte da Ilha em sua chegada triunfal: Don Pedro Antonio de Cevallos, disposto a conquistar a Ilha de Santa Catarina para Sua Majestade Carlos III, Rei da Espanha, em retaliação pelos desagravos que os portugueses causaram ao colonizar o Rio Grande, a oeste do meridiano de Tordesilhas.

José estava estarrecido. Não podia acreditar no dia que estava tendo, mas não havia tempo a perder. A fortaleza parecia um formigueiro atordoado, com homens confusos correndo em todas as direções sem saberem o que fazer, apenas gritando ou recebendo ordens. O pânico pipocava na fortaleza como bombinhas de festim, numa confusão tal que parecia impossível coordenar qualquer coisa. Os navios aproximavam-se lentamente, mas firmes em direção à fortaleza. Parecia, pensou José, derrotado, que todos não estavam tão loucos assim, afinal. E mais: contrariando todas as suas expectativas, os espanhóis estavam chegando.

Awaxi-á (uma lenda brasileira)

Antonio Sergio da Gama Bentes

“Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece não têm, nem entendem em nenhuma crença.” (Pero Vaz de Caminha).

Quando os primeiros bandeirantes chegaram aos sertões onde hoje é o estado de Minas Gerais, na região banhada pelo rio Iperuí, encontraram por lá a tribo dos kranain-teuá. Diferentemente dos outros povos indígenas que já conheciam, o que chamou atenção dos desbravadores foram os traços refinados dos rostos, a pele clara e as proporções mais harmônicas entre pernas e tronco da maioria dos integrantes daquela tribo, hoje extinta, uma exceção para os padrões físicos do grupamento étnico aqui existente.

Os exploradores souberam, pelas tradições orais da tribo, da passagem por aquelas bandas de um homem branco, jovem, por eles chamado de Awaxi-á, por ter os cabelos da cor do milho. E, pelo que diziam, isso ocorrera há quase dois séculos. Desde então, as posteriores gerações daquela tribo nunca haviam visto outro estrangeiro até a chegada por lá da primeira bandeira.

A lenda, cujo início remonta a uma época antes do descobrimento oficial do Brasil, conta que Lourenço Lopes, um dos grumetes da esquadra, resolveu desertar quando aqui chegou. E, após a segunda missa, embrenhou-se, numa aventura sem precedentes, pelo interior da nova terra, até alcançar a região onde habitavam os kranain-teuá.

Mas o que o teria levado a agir assim? Por que fizera parte daquela expedição marítima e saíra de Portugal? Por que, depois de aqui aportar, decidira não voltar com a esquadra?

Lourenço era filho bastardo de Dom Fernando Dias, o Conde de Cascais, com Louise Garroux, uma das muitas cortesãs francesas que viviam em Lisboa no final do século XV. Do pai, que era já idoso quando o concebera, herdara o gosto pelas aventuras amorosas, e da mãe, a pele clara, os cabelos louros e os olhos azuis. Dom Fernando ajudava-o financeiramente e com eventuais colocações em alguns trabalhos nas vilas e aldeias daquela região. Porém, o moço também tinha compulsão por jogos de azar, neles perdendo dinheiro e parte de sua turbulenta juventude nas mesas de tabernas. Então, certa vez, seu temperamento impetuoso fez com que se desentendesse com o pai quando com ele foi reclamar mais ajuda

para livrar-se dos apertos e dívidas em que se envolvia com frequência. E, no calor da discussão, matou o velho, esganando-o.

Preso, instaurou-se um inquérito, mas o caso foi abafado por algumas autoridades influentes. E assim, por um desses atalhos que as maquinações políticas levam certos fatos a acontecer, foi obrigado a juntar-se à expedição que partiria de Lisboa para as Índias no ano de 1500, quando contava quase vinte anos. E o que houve depois com os rumos dessa viagem, todos nós sabemos.

Mas sabemos também que, na véspera da partida, ocorreu um fato que veio a contribuir para a sua futura deserção. Lourenço, com outros companheiros, procurou uma famosa quiromante, uma estrangeira, na vila de Alfaia, nos arredores do porto de Belém, para saber o que a viagem poderia lhe reservar. Dado a devaneios e sendo de índole melancólica e romântica, impressionou-se muito com o que dela ouviu. A mulher, depois de receber pela previsão que faria, pegou-lhe lentamente as mãos e deteve-se a olhá-las por instantes, em silêncio. Depois estremeceu, dando de ombros, fechou os olhos e com um forte sotaque eslavo sibilou algumas curtas frases aparentemente desconexas, soltas, mas que fizeram sentido aos ouvidos sonhadores do jovem. Que tivesse cuidado com o seu pescoço, com a sua cabeça, pois dele dependeriam muitas novas vidas, foi o que pôde juntar de tudo o que ela disse.

Esse acontecimento bastou para mudá-lo. Remoendo suas conclusões sobre o que ouvira, embarcou no dia seguinte, transformado. Tornou-se reflexivo, calado, até um pouco arredio durante a viagem. Entendeu que sua vida estaria em perigo se continuasse em Portugal, quando voltasse das Índias. Então fugiu ao chegar aqui, levando consigo algumas provisões, armas e munições.

Suas inúmeras e espetaculares aventuras dariam outros tantos contos. Entre outras fingiu ser louco, para escapar da morte ao ser aprisionado pelos kuatisuaras. Sozinho, enquanto ia mais e mais para o interior da terra desconhecida, dormia nas árvores e nutria-se de frutos, palmitos e mel. Certa vez, tão cansado estava que só despertou no centro de uma taba, para onde fora levado por alguns integrantes de uma das tribos dos maipós enquanto dormia profundamente na floresta. Porém, ao abrir os olhos, manteve a calma. Espreguiçou-se, levantou-se e, passando mão do embornal que carregava, frente aos olhares admirados dos índios, saiu dançando como faziam os camponeses na sua distante terra. Mas não foi

muito longe. Seguiram-no, rindo, tentando imitar seus passos e gestos, até os limites da aldeia, e trouxeram-no de volta obrigando-o a ficar.

E afeiçoou-se tanto aos ingênuos maipós e estes a ele que ali ficou, por quase dois anos, entre aquele povo, nas idas e vindas pelas suas aldeias, que se estendiam mais para o oeste da grande terra. Ora com saudades da sua pátria, ora surpreendendo-se com a simplicidade e o modo de vida dos habitantes que o acolheram. E que até passara a imitar, pois vivia e falava como eles. Aprendera a manejar a lança, a borduna e o arco. Do que trouxera, só lhe restava agora um punhal.

Então, ao fim desse tempo, resolveu seguir mais para o interior onde encontrou os kranain-teuá, tribo também pacífica aliada dos maipós. Foi quando se impressionou vivamente com a beleza de Iarê, uma das muitas jovens daquela aldeia. E ela correspondeu aos seus olhares, nos poucos dias em que Lourenço ali esteve. Mas como estava prometida ao gigante Acauã, um dos filhos do cacique, não foram além de apaixonados olhares e reveladoras palavras os contatos entre eles.

Lourenço desconhecia regras, normas que o limitassem naquele meio em que agora vivia. Se em algum momento tivera resíduos da parca formação europeia que recebera, esses diluiram-se ao longo das semanas da viagem e nos primeiros dias na terra, depois que fugira para a mata lutando pela sobrevivência, buscando uma nova vida. Aparentemente não guardava remorsos pelo crime que cometera. Assim, se necessário, não hesitaria também em eliminar Acauã para ter a jovem que amava. Mas vislumbrou uma solução para o impasse num ousado plano de fuga com Iarê, voltando para os maipós.

Não haveria outra oportunidade para tanto do que durante a cerimônia do Iquená, que seria realizada nos próximos dias nos arredores da aldeia. Consistia na concentração das jovens virgens por um período de três dias seguidos, semanas após o fim do primeiro ciclo delas, em que ficavam a banhar-se nas águas do Iperuí, como que a purificar-se, incomunicáveis, guardadas apenas por algumas mulheres velhas. Como esse ritual só acontecia uma vez com cada jovem índia, após ser realizado ela poderia ser tomada em casamento pelo respectivo pretendente. Neste pequeno rio, que vem de um lençol de águas muito mornas, naquele tempo claras e límpidas, forma-se um grande remanso, calmo, no qual ocorria o Iquená. Para cima desse ponto, suas águas caem de uma alta cachoeira que não pode ser vista do local onde ocorria aquele tradicional banho coletivo.

E assim aconteceu. Lourenço, que já combinara com Iarê para fugir com ele ao fim do último dia, afastou-se da aldeia no início do Iquená. Escondeu-se por dois dias no alto da mata, próximo da cachoeira, para cima do remanso. Mas não sabia que antes de ser encaminhada para lá, Iarê revelara a Acauã os planos de Lourenço. Pressionada pelo índio, não soube mentir, não tinha a dissimulação do branco. Então, vencida a sua pouca resistência, rendeu-se à realidade, contando a verdade ao filho do cacique kranain-teuá. Antes, porém, fez apenas uma exigência ao seu prometido. Que ele, Acauã, em quem Iarê percebera a disposição de eliminar Lourenço, não derramasse o sangue do estrangeiro em momento algum. Pediu-lhe que prometesse que assim o faria, em nome da futura união deles. O índio hesitou, mas depois disse que sim, que ela não veria nunca o sangue de Lourenço. Mas, naquelas circunstâncias, fez o que qualquer homem faria. Foi procurar o seu rival e ao fim do terceiro dia, quando o encontrou, desafiou-o para uma luta.

E lutaram, enquanto lá embaixo as jovens índias banhavam-se nas águas mansas e claras do Iperuí. Lourenço já perdera o punhal e Acauã agora avançava em sua direção com o tacape, prestes a golpeá-lo. Foi quando o estrangeiro, em evidente desvantagem, correu para as águas, num trecho próximo e anterior à cachoeira, para refugiar-se na outra margem. Mas escorregou e caiu de costas sobre uma grande pedra, no meio do leito do rio. Neste mesmo instante, o filho do cacique lembrou-se da promessa que fizera para Iarê. Desfez-se da arma, correu e pulou sobre o outro, que tentava levantar-se. Mediram forças com alguns golpes, tentando respectivamente imobilizar-se, até o momento em que as mãos grandes e fortes do índio cingiram o pescoço de Lourenço, numa pressão contínua e crescente, enquanto este se debatia, inutilmente.

Enquanto desfalecia, Lourenço teve a visão clara do senhor de Cascais, seu pai, quando morreu sob suas mãos. Viu a expressão misteriosa da velha cigana da Alfaia, a sussurrar palavras que não entendera. Lembrou-se, naqueles fugazes segundos, das faces amistosas e risonhas dos maipós. Teve lampejos do semblante quase infantil de Iarê, dos recentes sorrisos que dela recebera. Pendeu os braços para dentro das águas tépidas do Iperuí e a última imagem, desta feita real, embora confusa, borrada, que seus olhos azuis, esgazeados, viram, foi o rosto do gigante Acauã, vermelho de ódio. Sentiu muito calor, um repentino calor a lhe queimar as entranhas, um misto de dor e prazer no baixo ventre.

Cuidado com o pescoço, com a cabeça, dele dependeriam muitas novas vidas. O derradeiro pensamento repetiu-se enquanto a vida se esvaía. O rompante de paixões fizera com que ele matasse e fugisse por medo. Agora, morria por amor. A vida tão curta, os sonhos pequenos, a pátria distante, a felicidade tão próxima.

Meses depois, a aldeia kranain-teuá ganhava algumas dezenas de novos habitantes. Alguns tinham a pele clara ou menos parda, os traços finos. Das sessenta e quatro virgens que se banharam no remanso do Iperuí naquele dia, mais da metade engravidou, inclusive Iarê.

Aos olhos da tribo pareceu ser um castigo o que aconteceu. Aos estrangeiros, que ouviram a lenda tanto tempo depois e a recontaram, ela pareceu apenas uma fantasia, um mito, algo impossível.

Porém sabe-se que, pode ocorrer com alguns enforcados quando o sangue, impedido de circular pelo pescoço, concentra-se para baixo do ventre, congestionando órgãos em repouso, podendo eventualmente processar-se a emissão de sêmen. Pois foi o que houve com Lourenço, enquanto desfalecia. Depois, as condições locais fizeram o resto. As águas mornas, a cachoeira, o remanso calmo, as virgens, a maioria em período fértil.

Remini o quê? Reminiscências, mano.

Joana Tânia Pereira dos Anjos Raphael

A janela no vagão do trem vai mostrando as casas pobres ao longo da linha férrea e os poucos camelôs oferecem café para os corpos ainda adormecidos quando um barulho ensurdecedor assombra o amanhecer. Gritos. Gritos. Sangue vermelho escuro escorre pelo vagão. Minha mãe passa a mão pela minha cabeça e canta:

“Deus que me deu, Deus que me dá
Capoeira de Angola pra nós vadiá.
Deus que me deu, Deus que me dá
Vida e saúde pra nós vadiá.
Deus que me deu, Deus que me dá
Jogo bonito pra nós vadiá.
Deus que me deu, Deus que me dá
Vida e saúde pra nós vadiá.
Deus que me deu, Deus que me dá!”*

É sábado, e logo meu tio vai chegar e me levar pra roda. Todo sábado é assim. Ele passa bem cedo e antes de mamãe sair para o trabalho ele me pega e vamos para a praça de Oswaldo Cruz encontrar com Mestre Madureira. Tem gente de várias idades. Uns moços e outros velhos. Tem menino como eu também. E tem uma menina. Marina é o nome dela. Magra como um bambu, mas ruim de mandar nela na roda. É a neta do Mestre Madureira, um homem grande, conselheiro que conta histórias do povo da gente.

O Mestre sabe tudo das plantas e aprendi com minha mãe que devo pedir a bênção quando chegar perto dele. Não entendo bem porque tenho que falar “bença, Mestre”, mas se minha mãe disse que tenho que fazer, eu faço. Ela sabe das coisas. Quando meu pai sumiu no mundo, ficamos só nós dois. Não lembro o rosto dele direito. Lembro do riso e de como cantava bonito. Mamãe cuida de mim.

No fim da tarde ela me conta histórias para alegrar a vida e me fazer forte. Diz que se eu fosse menina, me faria um monte de Abayomi para eu brincar. Sou menino, então me ensina a ser valente. A capoeira é coisa de homem valente, que enfrenta o outro que vem derrubar. É uma luta ao som de música com berimbau, pandeiro e atabaque. Na escola eu ouvi falar que capoeira é dança. Aqui na roda eu aprendo que capoeira é luta de

resistência. Um sábado perguntei ao Mestre Capoeira porque era assim e ele respondeu cantando:

“Capoeira não pode ser dança,
Dança é só pra se alegrar,
Capoeira só pode ser luta,
Preto pobre tem que lutar.
Capoeira é liberdade,
Corpo gira leve no ar,
Aprenda logo, menino,
Não se deixe escravizar.
Capoeira é resistência,
Preto não morreu no mar.
Levanta cabeça, menino!
Vem pra roda, vem lutar.”

Despertei. Abri meus olhos e vi um monte de gente ao meu redor. Ouvi novos gritos. Ele acordou! Ele está vivo! Para o trem! Chama a polícia! Chama o bombeiro! O chacoalhar da composição sobre os trilhos aumentava a dor. Madureira chega. Não o mestre, mas a estação. Desmaio. Acordo. Sou socorrido. O flagrante não deu ruim pro casal, deu para mim. O policial traído quis acertar as contas e disparou. Errou o alvo. Soube que não está preso. É assim mesmo neste meu Brasil.

Foram 37 dias de internação, 11 dias no CTI e duas cirurgias. Minha mãe cantando e a resposta do Mestre Madureira animavam meus pensamentos naquele hospital público dito de referência.

Mano, me valeu o Bom Deus! Eu não fui incluído na horrorosa estatística dos quarenta e três mil adolescentes pretos assassinados por arma de fogo nos últimos sete anos, segundo a Unesco. Não, eu não. José Gustavo da Silva, filho de Maria Catarina da Silva, sigo vivinho por aqui. Sou capoeira. Sou resistência.

*http://danielpenteado.com.br/plangoladentroDeusquemedeu.html

Onde canta o sabiá

Joedyr Gonçalves Bellas

Na minha casa tem palmeira. Não, não tem. Nem de longe.

Nunca teve.

Principalmente hoje, que nem em casa eu moro, moro em um pequeno apartamento no centro de Niterói.

Hoje eu tenho grade na janela, tenho celular de última geração, tenho planta que não exala cheiro, que não morre, que não precisa de chuva nem de sol. Mesmo assim, eu fico mudando ela de lugar constantemente. Ora está em cima da mesa da sala, ora está enfeitando a pia da cozinha, ora estou de saco cheio e ela fica quietinha dentro de uma gaveta hermeticamente fechada.

Mas na minha casa tinha, quando eu morava em casa era diferente. Tinha jaqueira, tinha amoreira, tinha abacateiro, tinha pé de goiaba. As sabiás cantavam. Sanhaços, biquinhos, tizius. Tudo solto, tudo bicando uma fruta aqui outra acolá. Quintais. Os bichos soltos. Os homens se encontrando na esquina para mais um papo. As moças com chapéu enfeitando a cabeça e lá em casa as pessoas iam entrando e saindo. Fácil. Assim, sem compromisso, sem etiqueta, sem frescuras. Bom dia ou boa tarde, às vezes boa noite, bastavam. Dá licença, era de praxe. E a minha mãe deixava a porta aberta. Batiam levemente, davam um oi e iam entrando. Pois não. O cafezinho era sagrado. Café fresco fumegando na chaleira, o cheiro escapulindo pela rua, aí não tinha jeito, era casa cheia.

Café com bolo de fubá.

E o tempo ia passando manhosamente.

O meu avô cochilava na cadeira de balanço após o almoço e ao cair da tarde. Pitava um cachimbo e sempre na ponta da língua tinha uma história pra contar. Dos bailes antigos, de como ele conquistara a minha vó, do futebol no campo de várzea, dos galanteios, das moças nos salões aguardando a contradança, da cachaça para o santo no canto do bar, do cravo na lapela, do terno impecável que ele nunca deixava de usar, e ainda ensinava que terno branco de linho tem de ser amarrotado, assim, e ia fazendo com as mãos na blusa, como ele fazia antigamente preparando o terno de linho para sair com a minha vó. Piscava, e a gente já sabia que ele estava com outras histórias na cabeça. Artimanhas. Da corriola, da malandragem, dos inferninhos, que santo não entrava, sonsos eram aos montes, das meninas assanhadas, da navalha escondida no cós da calça, do lenço no bolso pronto para uma gentileza, para puxar papo com a vizinha de

banco no bonde, qual é a sua graça? Meu avô perguntava e ria, eu também ria achando tudo muito esquisito e fora de época, fora de contexto.

Não sei.

Mas tinha uma sabiá em especial que não sai da minha cabeça. Sabiá laranjeira. A cantadeira, a que talvez fizesse parte do poema de Gonçalves Dias, ou das histórias do meu avô, quem sabe, mas não fazia, essa sabiá era minha. Eu conseguia distingui-la das outras, das que voavam livres, das que se debatiam em alçapões e arapucas, apesar de todas serem muito parecidas, quase iguais. Gêmeas. Mas não eram. Essa era solitária. Não se juntava com nenhuma delas. Sempre sozinha. Gostava da goiabeira e de uma goiaba madura. Beliscava as goiabas e cantava. Fogosa. Bonita demais. Pulando de galho em galho. Olhando pra mim e não me vendo. Elegante. Ou me via. Sei lá. Sei que não se assustava nem se intimidava. Às vezes pousava no quintal e ficava bicando a terra preta, talvez procurando minhoca, talvez esperando pelo miolo de pão que eu espalhava pelo chão para que ela chegasse um pouco perto de mim. E ela chegava. Não tinha medo nem desconfiança. Era a minha sabiá.

A sabiá sem gaiola. A sabiá do céu aberto, a sabiá do meu quintal, da minha casa antiga, de antigamente, bem antigamente, quando meu avô reinava e tudo era muito esquisito.

Emboscada

Josiclei de Souza Santos

O sudeste e o sul do Pará, na região amazônica, muitas vezes aparecem nos noticiários policiais como um lugar de violência e mortes por questões de terra, mas o que não aparece é que também é um lugar onde muitos apostam no sonho de uma vida nova. Daí os nomes de muitos bairros ou cidades da região: Eldorado, Redenção, Canaã, Ourilândia, Liberdade, Novo Horizonte, Morada Nova e outros. Fica assim um contraste entre uma promessa de vida feliz sonhada pelos pequenos que lá chegam e uma dura realidade de violência por causa da terra cobiçada pelos grandes. E como muitos sonhadores, aquela pobre família chegara àquela cidade, sem nenhum teto. Foram seguindo pela longa estrada de piçarra e pedra, atravessando riachos com as poucas mudas de roupa na cabeça, até darem com uma guarita no meio da estrada, guarnecida por dois capangas armados. Indagados sobre aonde iriam e o porquê, ouviram que somente poderiam passar caso tivessem dinheiro pra montarem fazenda. E assim como eles, muitos foram impedidos de seguir, e desses impedidos foi que a cidade aos poucos foi surgindo.

A família conseguiu um pequeno pedaço de terra, até então desprezado pelos grandes da região. Mas à medida que o trabalho no pequeno lote foi dando frutos, não demorou pra que a pequena terra que a família conseguiu fosse também cobiçada. Um dia o pai dirigia a velha caminhonete que comprara, acompanhado do filho que já tinha idade para ajudá-lo, quando um problema mecânico os fez parar. Ele, maldizendo o negócio que havia feito com o antigo dono do carro, foi pra baixo do veículo pra achar o problema, mas foi o problema que o achou: um vazamento de óleo que o besuntou todo.

Quando o besuntado, levantou, amaldiçoando o óleo vazado, o vendedor da caminhonete junto com a mãe deste, e deparou-se de súbito com a mira de uma arma de um desconhecido. Estava pra acontecer mais um caso de execução de lavrador não punido e não julgado, mais um caso de filhos órfãos, mais um caso de viuvez precoce, mais um caso de família expulsa das terras. Mas a arma falhou. O atirador, sem tempo de maldizer o vendedor da arma e a mãe deste, puxou logo uma faca, pra tentar terminar o serviço começado, pra que o mandante da execução não maldissesse a hora em que o havia contratado como pistoleiro juntamente com a sua mãe. Mas o medo de morrer é sempre mais ágil que a coragem de matar, não conseguindo por isso ele desfechar nenhum golpe na vítima que se

esquivava mais que gato. Rapidamente pensou que o único modo de acertá-lo fatalmente seria segurando-o. No entanto, a vítima, besuntada da cabeça aos pés com o óleo vazado, agora bendito aos olhos do motorista, e amaldiçoado pro pistoleiro, lhe escapulia a todo momento como sabão, não sendo possível desferir nenhum golpe certeiro. O filho, que até então se mantivera estático de medo, vendo o pai em apuros e sem o perigo da arma de fogo, aproximou-se por trás do agressor e desferiu um golpe certeiro de lenha na cabeça do quase assassino, desacordando-o.

A proeza do primeiro homem a escapar de uma emboscada no lugar se espalhou na boca do povo, ora refeita, ora aumentada, ora misturada com outras histórias, mas sempre crescendo na cabeça de homens, mulheres e crianças. Mas a cada vez que ela era contada, mais ele ia deixando de ser homem pra ir se tornando um mito, ganhando a simpatia de uma população que tinha em comum casos de emboscadas nas suas famílias, e foi essa simpatia o que lhe valeu na última tentativa de execução.

O segundo executor contratado pra matá-lo investigou meticulosamente os hábitos da vítima. E por garantia testou a arma na mesma manhã em que iria executar o serviço. Descobriu que todas as manhãs o homem ia comprar pão à mesma padaria. O conhecido matador ficou sentado em um pequeno banco, desses improvisados com alguns pedaços de tábuas junto às plantas nas frentes das casas, esperando o alvo. Uma senhora, ao se aproximar da padaria, estranhou aquele homem sentado em uma atitude um tanto suspeita, como a querer não ser percebido, quase escondido por trás dos arbustos. O rosto mirando o chão, sombreado pelo chapéu, de repente tornou-se reconhecível ao erguer-se, como a procurar alguém que deveria surgir no início da rua a qualquer momento.

Ela o reconheceu mesmo olhando-o apenas de relance. E no mesmo instante um calafrio tomou-lhe todo o corpo. Ele, por sua vez, não a identificou, voltando a abaixar o rosto pra não chamar muito a atenção. Aqueles que violentam, muitas vezes esquecem a violência cometida, mas os que sentiram a violência, dificilmente a apagam da memória. Enquanto, já no balcão, a mulher pedia dois pães, via repassar em sua cabeça aquele fatídico dia: o tiro ouvido da cozinha, a sua correria até a porta, pressentindo o pior, a imagem do marido morto em frente da casa, o sangue escorrendo e ensopando seu vestido ao agarrá-lo. Enquanto ela gritava aos prantos, o café fervendo, que quase transbordava no fogão, deixou escorrer um filete como uma lágrima negra. Depois foi o luto e o ultimato pra que

ela deixasse a terra. Nunca mais as manhãs cheirando a café e com gosto de pão quente; nunca mais a voz do marido elogiando o café e dizendo não se atrasar pro almoço.

Três anos passados e ainda não havia açúcar que adoçasse o café que todas as manhãs ela engolia friamente. Não havia fogo que esquentasse o pão que ela engolia solitária, agora na cozinha da pequena casa que comprara nesta cidade pra onde teve de se mudar pra não morrer, como o marido. Todo esse tempo ela não conseguiu parar de enganar-se, pedindo sempre dois pães, apesar de mal conseguir engolir um. O café apenas pra ela sempre sobrava, parecendo esfriando rápido demais apesar da garrafa térmica, enquanto o segundo pão ia juntar-se aos outros que em algum canto da cozinha ficavam abandonados, criando bolor.

Aquele homem viera até ali ressuscitar a morte do marido. E o que era pior, ignorava-o, como se o mundo que ele destruíra não fosse nada. Com certeza estava ali pra destruir um outro mundo. Nesse momento sentiu que uma outra mulher, como ela, poderia ter os cafés da manhã, os almoços, os domingos, as noites assassinadas por aquele demônio. Sentiu que, pior, essa mulher poderia ter filhos, filhos que cresceriam órfãos, os filhos que ela não teve tempo de ter.

De repente, foi desperta pelo pequeno saco de pães que o jovem atendente lhe estendia e que ela pegou de imediato, deixando apressadamente o dinheiro sobre o balcão e retirando-se, sem olhar pro lado onde pressentia o assassino do seu companheiro.

Subiu a rua de volta com um aperto na alma, amassando os pães contra o peito. Ao dobrar a esquina, sentiu um alívio. Foi quando viu vir em sua direção, provavelmente rumo à padaria, o homem que havia escapado daquela emboscada certeira. Seus olhos nesse instante tiveram uma súbita iluminação, e quase lhe escapou um sorriso ao ter um alumbramento: sua vingança viria não com a mesma moeda da morte, mas com preservação da vida. Sim, impediria aquela outra covardia. O assassino perderia a sua manhã esperando uma vítima que não viria. Ao menos não naquela manhã. Quando os dois estavam próximos, ela deixou cair o saco dos pães, que rolaram pelo chão de terra. Ele rapidamente abaixou-se pra pegá-los, ela também. Agachados os dois, ela sem mirá-lo nos olhos, enquanto recebia de suas mãos os dois pães misturados à terra, disse discretamente: “O senhor não vá lá na padaria não que tem gente lhe esperando pra lhe fazer o mal.”

Eles levantaram, e o homem, com um leve aceno de cabeça, lhe agradeceu, dando meia volta e sumindo em uma outra esquina, não sendo visto por uma semana. Ela, por sua vez, voltou pra casa. Logo que chegou, saboreou aqueles pães com o café fumegante que agora parecia ternamente doce em sua boca. Sua fome, que não sentira há três anos, era tanta que comeu os dois, sem se importar com os grãos de terra que vez em quando sentia entre os dentes.

A segunda fuga da morte alimentou mais ainda as histórias sobre corpo fechado, pactos sobrenaturais, anjos da guarda, o que acabou por levantar receios entre os assassinos profissionais da região, não encontrando, assim, o fazendeiro que cobiçava as terras do sobrevivente de duas emboscadas, quem tivesse coragem de matar o homem que milagrosamente sempre escapava da morte.

Maria do Brasil

Maria Angélica Ferrasoli

Dizem que o Brasil é o país do futuro. Que é como um gigante adormecido e que um dia, quando despertar, vai se tornar muito forte porque tem riquezas escondidas desde o fundo do mar, com petróleo, até a Floresta Amazônica onde há plantas capazes de curar centenas de doenças, mesmo as mais difíceis. Hoje eu sei de tudo isso, mas até os meus 60 anos não sabia. Minha vida era ir e vir para o trabalho, da comunidade a esse bairro bonito que parece iluminado e limpo inclusive em dias de chuva.

Dizem, também, que pau que nasce torto não tem jeito, morre torto. Que a gente deve trabalhar e esperar pelos desejos de Deus porque ele é quem sabe o que é melhor na nossa vida. Lá no meu pedaço todo mundo sabe que são as mulheres e às vezes até as meninas que acabam cuidando das crianças, e que muitas dessas crianças vão ser levadas pelo tráfico porque querem ter roupas, sapatos e celulares de marca. Dizem que isso não tem jeito, não, que para os pobres os traficantes são melhores do que a polícia porque, se matam, também ajudam, diferente dos policiais que só matam.

Isso eu ainda não sei responder. O que eu sei é que todos os dias muitos desses meninos, principalmente os meninos negros, como eu, são assassinados, e então o que dizem é que eles tinham alguma coisa com o tráfico. Mas isso eu sei muito bem que não é verdade porque também mataram o meu neto. O Gui tinha 16 anos e trabalhava como caixa no mercadinho, ia na igreja comigo e com a mãe dele toda quinta-feira. Morreu numa noite durante um tiroteio no morro, quando voltava da escola. E mesmo se tivesse qualquer coisa com tráfico, quem pode matar um menino de 16 anos, com a vida toda pela frente e dizer que ele fez coisa errada e então merecia morrer? Ninguém merece morrer antes mesmo de tentar começar a vida, ninguém.

Só que hoje eu não quero falar sobre isso, não. Hoje eu estou feliz, porque é um dia muito especial na minha vida. Dizem que alegria de pobre dura pouco, e deve ser verdade, então não posso perder tempo. Meu neto Gui me dizia: “Vâmo, vó, que a vida passa rápido”. Ele sabia o que estava falando, meu netinho. Desculpa, hoje não quero falar dele, já ia esquecendo, porque a gente não quer, mas pensa, e pensa como se fosse a frio, sem querer. É muito difícil enterrar um morto, ainda mais um menino cheio de vida. Não basta botar no caixão, fechar a tampa e colocar num buraco. A gente tem que ir enterrando todo dia, até ficar ali, guardado. Mas basta um

ventinho de lembrança e tudo se move, e a terra voa, e a dor vem forte de novo.

Nossa, me desculpa, deixa eu secar essa lágrima boba, deixa eu sorrir de novo pra vocês. Eu me lembro muito bem da primeira vez que eu tentei vir aqui. Já faz bem uns 30 anos, sabe? Trabalhava lá naqueles prédios que têm uma piscina na varanda de cada andar. Eles chamam de furô. Ofurô, né? Uma coisa meio japonesa. Mas quando eu pedi licença para a patroa, para poder vir aqui, que é tão perto, ela não deixou. Disse que para sair até as sete da noite eu ia ter que entrar às cinco. Só que mesmo eu chegando lá todo dia um pouco depois das seis da manhã não tinha ninguém acordado, porque eles só tomavam café depois das dez. E eu ficava lavando, limpando, passando roupa. Mesmo que não tivesse o que fazer tinha que ficar lá, não podia sair.

Quando vim do sertão aqui para a cidade eu não tinha nem oito anos. Meu pai era uma boa pessoa, mas bebia muito, morreu cedo. Minha mãe logo teve que se arranjar sozinha, e quando podia me levava para trabalhar com ela. Assim eu fui aprendendo a lavar, passar, esfregar, cuidar das crianças das patroas dela, levar e buscar encomendas, servir doces em festinhas. De escola nem se falava, ainda mais para mim, que era menina. Vida de pobre é assim, isso ninguém precisa me dizer, eu sei de cor e salteado. Mas dizem que um dia as coisas mudam, e agora eu sei que mudam mesmo, mas nem sempre é para melhor ou para pior. Elas mudam, é só isso.

Eu ainda era uma menina quando peguei filho, mais nova ainda do que meu neto que morreu. Foi na casa de uma patroa da minha mãe. Hoje eu sei que foi estupro, mas na época não sabia. Dizem sempre que a culpa é da gente, porque é mulher e tenta o homem. Mas é mentira. O patrão veio para cima de mim com conversa de comprar roupa, sapato. Me deu de presente um perfume, uma caixa de chocolate. Minha mãe vigiava, não tirava o olho. Mas um dia ele me mandou limpar o carro dele na garagem. E teve outro dia, e mais outro. E minha mãe desesperada, e eu querendo ganhar mais roupa, mais sapato. Quando eu descobri que estava grávida ele jogou dinheiro na mão da minha mãe e disse para a gente sumir dali. E assim foi.

Nossa, minha gente, eu estou falando demais. Dizem que quem fala demais dá bom dia a cavalo, é um ditado mineiro que meu marido repetia sempre. É, eu me casei, tive mais três filhos, todos já criados hoje. Foi uma luta imensa, vocês imaginam, quatro filhos, minha mãe já doente, meu

marido sempre na fábrica, trabalhando de dia, de noite, de madrugada. Todo fim de semana a gente sentava e contava os tostões para ver se ia dar na semana. Às vezes eu fazia bicos, fazia bolos, fazia bombom de chocolate, fazia faxina no fim de semana. E sempre atrás dos meninos, sempre orientando, desviando do caminho do crime, tentando deixar na escola. Tanta dificuldade, nossa senhora! E eu tentando voltar aqui, mas cadê a oportunidade? Cadê o tempo?

Então, há uns cinco anos, mais ou menos, eu estava saindo da igreja e ouvi uma vizinha falar que ia ter um novo núcleo no bar da Zélia. Olha, vocês vão rir, mas eu levantei as antena, as antenas, e quase pulei na porta desse bar logo no dia seguinte, antes mesmo de tomar café. A Zélia, que está aí e não me deixa mentir, pode contar para vocês. Por essa época meu Jorge, meu marido, também já tinha morrido, ele morreu de doença por causa da fábrica de amianto. Meus filhos estavam criados e eu, pela primeira vez na vida, tinha um tempinho para pensar em mim. Então pensei e decidi: Se não for agora, não vai ser nunca mais!

E eu vim, e conheci vocês, e tanta gente boa que já passou por aqui. Pessoas quase que com a mesma história que a minha, gente sofrida que há tantos anos esperava uma chance. A professora Ângela, a Esther, eu não tenho palavras para dizer o que foi essa mudança na minha vida, não tenho. Outro dia eu fui fazer um doce e ficou muito gostoso, e todo mundo comeu e pediu mais. Era assim como um brigadeiro, macio, de chocolate, e eu sabia fazer brigadeiro, mas não daquele jeito. Daquele jeito que estava escrito na receita. E eu nunca que tinha lido uma receita. E então o meu filho mais velho falou:

—Mãe, que delícia! Que doce é esse que você fez?

E eu respondi:

—Esse doce eu vou batizar agora. –E falei–: Esse doce é o brigadeiro Paulo Freire.

Minha filha, que conseguiu estudar e é professora, deu risada e brincou:

—Depois que a mãe entrou no MOVA e aprendeu a ler e a escrever ela até já discute com o padre lá na igreja sobre participação popular. Tenho muito

orgulho de você, viu mãezinha! –e me mandou um beijo com as pontas dos dedos lambuzadas de chocolate.

É verdade o que ela falou, viu, gente, eu discuto mesmo! São tantas as palavras que aparecem hoje na minha mente, depois que aprendi a ler e escrever, que parece que antes a luz estava apagada. Dizem que a luz é a sina da mente, né? Então acho que as palavras são nosso farol. E eu quero aproveitar essas palavras, tantas palavras, para dizer a vocês que esse diploma, que é o primeiro da minha vida, eu vou colocar num quadro e mandar escrever embaixo: Diploma da Maria Silva, Maria do Brasil, do MOVA*. Não é bonito, mesmo? Nossa Senhora, me emocionei de novo. Ah, faz favor, pega essa bandeja aí, minha gente, essa de papelão, tira o guardanapo de cima, que hoje é dia de festa, e nós vamos comemorar é com a doçura do Paulo Freire.

(*) MOVA – Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos, surgiu em 1989 em São Paulo, inspirado no educador Paulo Freire (1921-1997). Até 2016 estima-se que já havia alfabetizado 275 mil pessoas e formado cerca de 11 mil alfabetizadores, espalhando-se por 692 municípios do país e com mais de 5 mil parceiros locais. As salas de aula podem ser igrejas, creches, associações ou mesmo residências.

Cacique

Paloma Mascarenhas de Oliveira

Antônio Auptxuy, brasileiro, solteiro, portador de identidade não validada, residente e domiciliado na rua dos equívocos nacionais, município localizado no sul da Bahia, sem telefone, mora num quartinho dos fundos de uma quitandeira com quem fez amizade há pouco tempo, nomeia pelo presente instrumento particular de procuração a Sr.ª Memória Nacional, brasileira, também baiana, desempregada, quase sem expressão em território nacional, residente em mesmo lugar dos massacres, com poderes para representar o outorgante perante o dilema da construção da identidade no Brasil, e desta forma, contar, traçar todo o trajeto do camarada Antônio Auptxuy diante de sua profissão de coveiro no sul da Bahia, com a permissão de contar-lhe o único motivo de tornar-se coveiro: a sua própria salvação.

Antônio não se importava em trabalhar todos os dias, a qualquer hora. Agora, era um homem de 41 anos, morava na cidade, mas já fora uma criança de um aldeamento Pataxó. A história de como fora parar ali parecia-se com a de muitos dos seus. Alguns mortos, outros perambulavam com cicatrizes, e ainda mais alguns, sobreviveriam. Como Antônio. Era uma velha cidade, e a contragosto dos vivos morriam não só velhos, com suas silenciosas doenças de fim de vida; agora, os jovens também se propunham a vestir a confortável roupa de fim de festa. O lugar onde morava, entre o cemitério e o centro da cidade, ajudava-o nessa tarefa de enterrar os mortos. Considerava uma gentileza, mais do que uma profissão. Nascera com uma complexa identidade, e desde cedo, se acostumara à arte do silêncio. Via alguns companheiros em luta, outros entregues aos excessos estridentes do vício. No entanto, o silêncio de sua avó, quando ainda no campo a tinha por companhia, construiu-lhe mais do que todas as coisas. O jeito obtuso de carregar o fecho de lenha, a natureza circundada quando rezava àqueles que se foram, o olhar majestoso à natureza. Ouvira falar de massacres, de homicídios por brigas de terra, até com palavras muito sintéticas, ouvia histórias de seu povo. Longínquas. A palavra “índio” soava-lhe como uma sentença. Nunca quisera fugir daquela realidade, até porque não havia uma realidade, mas, como humano, tinha curiosidade pelos seus, por si e pelo seu promíscuo destino. Crescera. A morte o conduzira até ali, havia poucos dos seus, dispersos. E num desses enterros de um branco companheiro, que nasceu também branco de coragem de estar entre eles, a falar e a dizer coisas de livros; viu o concreto, a lápide, a pá. Por desenrolar de fatos

absurdos, o coveiro da cidade estava velho e doente. Ali fora seu estágio. Enterrava o amigo branco, naquele dia, oferecera-se como um prêmio. O amigo em vida fizera por demais por eles, como antigos guerreiros. Emoção retrô, de camarada. Virginal situação o levou à prefeitura do lugar. O convencimento é a procuração da emoção. Antônio tornara-se coveiro da cidade. E enterrava os mortos dando-lhes um último rito, mesmo diante do concreto, podia se ver no devoto trabalho algo a mais que pouco importava para os vivos, mas para ele tinha uma presença de trono. Antônio, satisfeito, voltava a casa, tomava um banho e esperava, sempre, por um novo morto.

Amazonas

Rafael Zulato Langraff

Certa vez, eu estava como missionário voluntário na Amazônia, e foi nessa ocasião que tive a oportunidade de aprender uma das maiores lições de minha vida. Eram por volta das cinco da manhã e o sol já clareava todo o acampamento, estavam montando equipes para várias frentes e eu fui selecionado para compor um grupo que desbravaria a floresta em busca de uma tribo *Guacaris*. Essa tribo jamais tinha feito contato com o mundo exterior e, além das diversas lendas, algumas imagens feitas de avião eram a única prova de sua existência. *A FUNAI*[1] jamais aprovaria tal intervenção, não fosse o surto de doenças não mapeadas que estavam levando muitas tribos amazônicas à extinção.

Assim, me juntei a um médico jovem recém formado e cheio de entusiasmo, uma bela dentista de uns trinta e poucos anos, uma pesquisadora –que também era a cupincha da *FUNAI* para nos vigiar– e nosso guia, um senhor de uns cinquenta anos que marchava à nossa frente como um capitão guiando seu pelotão. Este também era nosso intérprete para os dois índios *Kambebas* que eram os verdadeiros guias de nossa aventura.

Entramos trilha adentro e, cerca de duas horas depois, paramos para nosso primeiro descanso. Todos carregavam mochilas com suprimentos para nossa expedição e para os *Guacaris*. Nem sabíamos se encontraríamos a tal tribo e, uma vez que encontrássemos, provavelmente não seríamos bem recebidos e dificilmente conseguiríamos sua confiança em um primeiro contato, mas precisávamos tentar. Tanto o médico quanto a dentista eram missionários voluntários como eu. Estávamos sentados nas raízes das árvores tomando alguns goles de nossos cantis. A floresta se fechava ao nosso redor e sobre nossas cabeças. Árvores gigantescas fechavam o céu, que podíamos ver apenas em pequenas aparições nas brechas das distantes copas com folhagens de todas as tonalidades de verde. Os mais de trinta graus de temperatura não nos incomodariam, uma vez que o sol não nos atingia e, dentro daquela mata, a umidade deixava o clima fresco e agradável.

O que mais importunava eram os insetos. Todos os repelentes do mundo pareciam ineficazes àquele infortúnio causado pelas picadas no rosto e nos braços. O jovem doutor estava com um aerossol esguichando desvairadamente em volta de si enquanto resmungava quase como um animal rosnando. A senhora pesquisadora reprovava-o, mas ela era bem

acatada e aparentemente não gostava de entrar em conflitos. O nosso guia se pôs a contar algumas lendas sobre os *Guacaris* e nos disse que eles eram famosos por sua relação com as *Icamiabas* que, traduzindo, significa ‘sem marido’. Essas, por sua vez, eram a versão brasileira da lenda grega das *Amazonas*.

No período da colonização do Brasil, conta-se que o navegador Orellana entrou em conflito com uma tribo de guerreiras, fato que deu o nome de *Amazonas* à região. O guia era divertido e sabia contar histórias de modo descontraído e interessante. Usava apenas uma camisa xadrez vermelha e uma bota de borracha que cobria as pernas de uma calça marrom até pouco acima da panturrilha. Mostrava-se despreocupado com os insetos que pareciam evitar seus braços morenos cobertos de pelo e seu rosto com uma barba por fazer, já branca.

“Vamos prosseguir. Ainda temos muito para percorrer por hoje”, disse, enquanto colocava sua mochila nas costas. Continuamos a nos esgueirar pelo que ele chamava de trilha. Não parecia uma trilha há algum tempo. Na verdade, parecia que estávamos andando em mata virgem, tamanha a dificuldade, mas quando o jovem médico questionou o guia a respeito disso, ele olhou para trás com um sorriso de deboche para o doutor e afirmou que nenhum de nós conseguiria dar dez passos na mata virgem. Explicou-nos que fora da trilha as raízes e plantas se embrenhavam dificultando o acesso. O jovem médico fez cara de insatisfação e prosseguiu resmungando. Ele usava uma camiseta de manga comprida e tênis nada convencionais para aquela atividade. Era branco como a neve e colecionava vários vergões vermelhos no rosto provocados pelos insetos. Seus cabelos castanhos claros estavam embolados e sebosos de suor. Ele parecia ser quem mais sofria com aquela atividade. Deixou claro, por diversas vezes durante nossa expedição, que queria servir de voluntário no acampamento, de preferência servido de ar condicionado, mas como nenhum outro médico estava no acampamento naquele momento fora escalado para estar conosco.

“Vejo a necessidade de minha presença e quero muito ajudar. Mas entendam: nunca me dei bem com a natureza”, murmurava enquanto derramava litros de suor que faziam arder seu rosto quando entravam em contato com os arranhões que estava adquirindo naquela trilha árdua. “Relaxa. Uma boa noite de sono na floresta vai mudar sua opinião”, provocou a pesquisadora. Ela, por sua vez, obviamente era a mais preparada, depois de nosso guia. Era uma mulher de uns quarenta anos, com

cabelos loiros amarrados em um coque e com uniforme completo de exploração, sua calça e camisa de tom marrom com bolsos em toda parte davam a impressão de que ela estava trajada com o figurino de um dos filmes de *Indiana Jones*.

O som que ouvíamos era uma mistura de pássaros e insetos que construíam uma sinfonia afinadíssima, ao mesmo tempo que caótica de ruídos. Fora essa trilha sonora constante, o que quebrava o padrão era o som de nossas pisadas amassando a vegetação e quebrando galhos. Nossas conversas isoladas eram abafadas naquele ambiente e mal escutávamos o que se falava à distância. O guia ia à frente com um facão sujo e afiado na mão. Eu tinha a impressão de que se fosse atingido por aquela lâmina pegaria tétano imediatamente. Mas ele já havia nos dito que aquele era seu "facão da sorte". Na sequência, após o guia, estava a dentista, jovem, morena, com uma longa cabeleira negra lisa amarrada em um rabo de cavalo. Era quieta, mas mantinha um ar de serenidade e compaixão, sempre atenta ao que falávamos, com seus olhos enormes e negros. Eu seguia a fila, logo atrás da pesquisadora, extremamente preocupado com o jovem doutor que, por diversas vezes, ficava muito para trás, com dificuldades para acompanhar.

Os dois *Kambebas* não caminhavam conosco. Iam à frente de nossa expedição e, por algumas vezes, avistei-os caminhando por alguma trilha paralela distante da nossa. O guia gritava algumas palavras em *aruaque* e eles respondiam no mesmo dialeto ameríndio de algum lugar no meio da mata. Os dois usavam camiseta e calça. O mais alto e forte era que tomava a frente e conversava com nosso guia a todo instante, era de uns trinta e poucos anos, com cabelos negros e lisos, cortados em formato de tigela. O seu companheiro era quase uma cópia mais jovem, porém, mais magro e miúdo. Foi este que correu em nossa direção desesperado sinalizando para que parássemos e fizéssemos silêncio. Estava com olhos arregalados, em pleno pânico.

"O que houve?". O guia respondeu à pergunta da pesquisadora colocando o dedo em frente à boca, sinalizando para que ela fizesse silêncio. O guia cochichou algumas palavras com o jovem *Kambeba* e olhou-nos com seriedade. "Ouçam", ele disse. Fizemos um esforço para ouvir algo diferente, mas nossos ouvidos não eram treinados para aquele ambiente. "O assovio. Prestem atenção no assovio." Eu pude ouvir. Era

longo e melancólico; diferenciava-se dos outros sons. “O que é isso?”, perguntei.

Virei o rosto na direção do som e deparei-me com aquela face redonda e bronzeada enorme na minha frente. Levei um tremendo susto. O outro índio *Kambeba* saía da mata atrás de mim se movendo em um silêncio inacreditável. Os dois índios e o guia trocaram algumas palavras, então ele olhou para nós com a sobrancelha erguida e disse: “Estão discutindo se é a *Matinta* Pereira ou o *Mapinguari*.” Vendo a enorme interrogação em nossos rostos, ele explicou: “Lendas da Amazônia.” Seu olhar era de descrença, mas ao mesmo tempo de respeito. Na verdade, fiquei confuso se ele estava satirizando ou acreditava no que estava dizendo.

O índio mais jovem falou algumas palavras para nós, mostrando uma pequena trouxa de folhas de bananeira. O guia traduziu: “Ele disse para não se preocuparem se for a *Matinta* Pereira, pois ele trouxe tabaco para oferenda. Mas, sinceramente, a *Matinta* só deveria aparecer à noite.” Mais uma vez não distingui se nosso guia demonstrava ser conhecedor dos mitos indígenas ou cria naquelas palavras. O médico quis aliviar a tensão: “Certo. E se for o tal *Mapinguari*?”. Ele achava que tinha feito uma piada, mas o olhar sério que o guia retribuiu, somado ao semblante assustado dos índios que pareciam ter compreendido o comentário, deixou claro, ao menos, o respeito com a tal lenda. O guia prosseguiu a caminhada junto aos companheiros *Kambebas*, mas antes de partir olhou nos olhos de cada um de nós e disse: “Se for o *Mapinguari*, não iremos muito longe.”

Não sabíamos bem a respeito da lenda, mas havíamos nos preparado para aquela missão. Tínhamos estudado os efeitos dos mitos e lendas indígenas na cultura daquele povo e sabíamos que enfrentaríamos sua superstição. O primeiro sinal disto foi no ato de conseguirmos um guia para nos conduzir aos *Guacaris*. Ninguém quis aceitar o ofício de adentrar naquela região. Os dois *Kambebas* só aceitaram mediante a várias condições expostas por eles, as quais não foram compartilhadas conosco pelo guia.

Por volta das onze horas, estávamos um uma pequena clareira de pouco mais de quatro metros, sentados em círculo. Havia um pequeno tronco entre nós com uma variedade de frutas, algumas raízes e alguns grãos. Não sabia o que era boa parte daquela refeição. Algumas frutas eram azedas e as raízes eram amargas, mas, no geral, era tudo saboroso. Os dois índios estavam conosco sentados e se alimentando. Perguntamos sobre o

Mapinguari, mas o guia apenas disse que era um dos muitos guardiões da floresta e evitou o assunto. Foi nos concedido meia hora de repouso após aquela refeição, e eu fiquei sentado ali mesmo. A dentista saiu com a pesquisadora para um lugar afastado para urinarem e eu estava conversando com o índio mais velho tendo nosso bom guia como intérprete.

Perguntei-lhe sobre sua cultura, crenças e opinião sobre as mais diversas coisas. Estávamos em um diálogo descontraído e eu ganhava a confiança do Kambeba quando fomos interrompidos por um surto de histerismo do índio mais jovem. Ele esbravejava indignado contra o jovem médico que se mostrava desconcertado com a reação do Kambeba. O índio gesticulava e proferia nítidos insultos contra o jovem. Todos nos aproximamos e o índio mais velho junto com nosso guia começaram a discutir com o furioso indígena, buscando acalmá-lo e compreender o que se passava. O guia olhou para o jovem doutor e indagou: “Estava cortando a árvore?”. O doutor exibiu, então, uma lustrosa faca de caça na mão e recuou levemente envergonhado, revelando algumas marcas com as iniciais de seu nome no tronco de uma árvore.

“Não faça mais isso. A floresta se protege. Se machucá-la, ela se defenderá”, repreendeu o guia simultaneamente com as palavras severas do índio mais velho que não compreendemos. O médico ficou totalmente desajeitado se desculpando enquanto os índios saíam andando, obviamente o mais velho dando uma bronca no menor que antes de entrar mata afora deu uma olhada severa no doutor por sobre o ombro. “Fica tranquilo, não tinha como você saber”, tentou amenizar a dentista.

Retornamos instantaneamente a nossa dura jornada. Não havia como andar rápido enquanto nos esgueirávamos por entre troncos, saltando raízes, contornando moitas e cipós. Cerca de três horas mais tarde, podíamos ouvir um som distinto se aproximando. Era um dos braços do rio *Nhamundá*. Estávamos na região dos *Guacaris*. Quando atravessamos a parede da mata, saímos em uma espécie de praia com uns vinte metros de terra molhada que desembocava nas margens do imponente rio. Do outro lado da margem, um paredão de terra erguia-se com sua mata fechada.

Enquanto agachávamos na beira do rio para refrescarmos nossos corpos, um objeto de cerca de três centímetros revelou-se a mim enroscado em uma pedra. Peguei-o e enquanto analisava-o os outros perceberam e se aproximaram curiosos. Era de cor de terra e tinha o formato perfeito de uma tartaruga. *Muiraquitã,* afirmou o Kambeba enquanto olhava ao redor como

procurando algo. “Muira-o-quê?”, perguntou a dentista. Dessa vez, quem se colocou a esbanjar seus conhecimentos foi a pesquisadora: “É um amuleto. Após se acasalarem com os índios *Guacaris*, as guerreiras *Icamiabas* mergulham no rio *Nhamundá* para se banharem e utilizam o barro do fundo do rio para forjarem esses amuletos que entregam aos *Guacaris* envolto de uma mecha de seus cabelos. Rege a lenda que é assim que selam este pacto; se nascerem filhos homens, as *Icamiabas* os rejeitam e entregam aos *Guacaris*; se nascerem mulheres, se tornam guerreiras que protegem a região.”

Os *Kambebas* estavam agitados e chamaram nosso guia para conversar. Após alguns instantes, ele nos comunicou que os *Kambebas* não queriam prosseguir. Disseram que encontrar o *Muiraquitã* na orla do rio era um mal presságio. “Convenci-os a nos guiar por mais uma hora rio acima, mas foi só. Não querem passar a noite por estas bandas.” O guia estava com ar preocupado, e algo me dizia que não era pelo abandono dos guias *Kambebas*. “Certo. Então, vamos até aonde der para ir”, tomou a frente a dentista, ao mesmo tempo que pegou sua bagagem e seguiu novamente em direção à mata fechada, por onde os dois indígenas já haviam se encovado.

Apenas a seguimos em silêncio. Estávamos novamente na trilha fechada, escura e úmida. A única diferença era o leve som do rio à distância. O sol se punha rápido. Nosso cenário começou a escurecer e pelas árvores que se fechavam sobre nós não conseguimos ter noção do que realmente se passava. Nuvens carregadas tomavam o céu e preparavam-se para despejarem-se em cima de nós. O guia percebeu e nos alertou para montar acampamento. Não havia muito espaço ali para as barracas, mas nos ajustamos entre as árvores deixando uma pequena relva no centro entre as barracas. Trabalhávamos rápido, cada um montava sua barraca, o guia e a pesquisadora logo terminaram as suas e começaram a nos ajudar com as nossas. Perguntei pelos *Kambebas*, e o guia respondeu que eles haviam retornado às pressas há vinte minutos. Aquela informação me deu um frio no estômago, de insegurança.

Em alguns minutos, estávamos cada um dentro de sua barraca e uma chuva torrencial começou a despencar. De dentro da barraca, eu tinha a impressão de que a água ia vencer meu abrigo com sua impiedade. Os relâmpagos acendiam o cenário externo em uma silhueta fantasmagórica e os trovões me faziam estremecer. Um leve temor me fazia companhia naquele momento de solidão e me colocava a pensar em como estavam

meus companheiros lá fora em seus abrigos. Peguei minha agenda e comecei a fazer algumas anotações para distrair, mas logo estava tão escuro que não conseguia mais escrever. Reparei que a chuva havia cessado tão de súbito quanto começou. Quando abri o zíper da minha barraca e coloquei a cabeça para fora, nosso bom guia já estava a preparar uma fogueira.

Escureceu rápido, esfriou também. Estávamos todos ao redor da fogueira que esquentava um ensopado em uma panelinha toda amassada e gravetos formavam uma grelha com alguns pedaços de carne que nosso guia havia conservado no sal em sua bagagem. Comemos e conversamos descontraidamente, mas havia um ar de tensão em todos. A floresta dobrara o número de sons distintos e as trevas nos cercavam. À luz da fogueira, apenas víamos os rostos uns dos outros e os vultos de nossas barracas que nos cercavam. Não enxergávamos nem mesmo a lua ou as estrelas por causa do lugar fechado que tivemos de montar acampamento às pressas para nos abrigar da chuva.

O assunto estava escasso e, enquanto a dentista comentava com o jovem médico alguma coisa sobre as dificuldades da faculdade, eu me peguei distraído prestando atenção nos sons da mata. Foi nesse instante que ouvi aquele mesmo assovio melancólico que ouvira mais cedo. Ninguém pudera distingui-lo pela manha além de mim. E quando o ouvi novamente olhei para o guia e ele devolveu o olhar de súbito. Olhos arregalados e alertas. Os outros nem perceberam. Novamente o assovio. Mais longo, dessa vez. Silêncio. Um arrepio cortou o meu corpo. O guia tentou fazer de conta que nada ocorrera e levantou se espreguiçando: “É bom irmos dormir e descansar. Amanhã vamos subir a trilha mais um pouco e, se não encontrarmos os *Guacaris*, vamos retornar.” Todos acenaram positivamente, trocaram desejos de boa noite e se recolheram em suas barracas. Eu fiquei por último com o guia. “Acredita que é o quê?”, indaguei-o. Ele não me olhou nos olhos e apenas se esquivou da pergunta: “Vá dormir. A fogueira vai manter os animais maiores distante.”

Entrei na barraca, mas não consegui dormir. Estava deitado contemplando o teto da barraca oscilando com a claridade da fogueira que se mexia em ritmo acelerado, trepidando com o fogo. Fiquei ali prendendo a respiração por algum tempo, tentando ouvir qualquer coisa. Me distraí com meus pensamentos, refletindo como as crenças indígenas eram primitivas, mas ao mesmo tempo complexas. Eles criam em um sistema *politeísta*, mas ao mesmo tempo atribuíam vida à floresta tendendo

nitidamente para uma crença *panteísta*. Como poderiam ter vários deuses ao mesmo tempo que os encarnavam em um único organismo interligado em toda natureza? Comecei, então, a fazer uma ponte para a *trindade* do Cristianismo: três pessoas em uma mente coletiva. Para mim aquilo fazia pleno sentido. Se Deus era onisciente, logo, saberia de tudo; inclusive o que todos pensam. Se existem três Deuses, logo, cada um sabe tudo, inclusive tudo que os outros dois sabem. Dessa forma, não pode haver individualidade, pois os três sabem tudo e compartilham o saber. São três pessoas em uma.

Mas o que realmente me intrigava era uma civilização como aquela ter um sistema religioso tão evoluído, apesar de não refletirem como eu na estrutura desse sistema. O Cristianismo foi beneficiado por toda uma revelação divina e influência de eruditos e pensadores. Mas como aquela religião surgira?

Então, meu coração disparou. Silêncio. Muito silêncio. Todo aquele barulho da floresta havia se aquietado. Eu estava distraído e não sabia em que momento começou, mas era como se cada inseto, anfíbio e mamífero da floresta fizesse silêncio absoluto. Só era possível ouvir os estalos da fogueira rompendo os gravetos. Então, o assovio novamente, longo e melancólico, mas desta vez muito mais próximo ou eu tinha essa impressão pelo silêncio nefasto que fazia. Um grito feminino, de agonia tremenda, como em dores de parto. Mais silêncio.

O trepidar da claridade da fogueira do lado de fora da barraca dava um ar ainda mais aterrador àquele momento. Então, as chamas revelaram a silueta de algo passando entre a fogueira e minha barraca. O vulto era disforme e eu não podia identificar ao certo se era uma pessoa. Sentia meu corpo tremendo e não conseguia me mexer. O vulto passeou pelo nosso acampamento e sumiu. Silêncio. Ouvi novamente o grito lamuriante e então ouvi o zíper de uma das barracas se abrir. Tomei fôlego e sentei-me. Queria sair da barraca mas estava quase me urinando de pânico. Não quero discutir a avidez de meus instintos, mas apenas quando me lembrei da jovem dentista sozinha em sua barraca lá fora é que tomei coragem e me esgueirei com a cabeça para fora.

Vi o guia de pé olhando fixo em uma única direção. Saí e me coloquei ao seu lado sem admitir meu medo. “O que foi aquilo?”. Ele não me respondeu. Fomos interrompidos pelo assovio de antes, estava atrás de nós. Viramos os dois de súbito na mesma direção. Não dava para ver nem cinco

metros além da fogueira. O guia estava com uma lanterna na mão, mas parecia não ousar acendê-la. Ouvi o mato se mexendo próximo a nós. Então, o guia acendeu a lanterna e mirou na direção do barulho. Nada. De súbito, o barulho da floresta voltou. Todos os insetos e coaxares retornaram ao mesmo tempo como se alguém apertasse um botão e ligasse o som novamente.

Ficamos ali fora em volta da fogueira, em silêncio, o resto da noite. A adrenalina baixou apenas com o raiar do sol. Não proferimos uma palavra do que aconteceu e a única frase que o guia conseguiu me dizer apenas horas depois de nossa experiência foi: “Nunca vi nada igual”. A jovem dentista me olhava com seriedade logo após sair da barraca. Ela sabia que algo ocorrera. Não sei se era a face severa do guia ou minha palidez, mas ela sabia. Perguntou-nos diversas vezes se estava tudo bem, mas não respondemos. Apenas apressamos a todos para levantarem o acampamento.

“O doutor ainda está dormindo”, afirmou a pesquisadora. O guia, impaciente, abriu a barraca dele para acordá-lo. Ele não respondeu. A dentista entrou na barraca dele e fez-se um silêncio. Ela saiu com os olhos arregalados: “Ele está morto.”

O chão simplesmente desapareceu debaixo de nossos pés. Carregamos o corpo do médico enrolado em sua barraca de volta ao acampamento base, caminhando com dificuldade pela trilha, em silêncio. Não paramos para descansar nem para comer e antes do anoitecer estávamos de volta. Os legistas de Manaus disseram que não foi nenhuma causa externa. O jovem doutor havia morrido de causa natural.

A pesquisadora escreveu em seu relatório à FUNAI que a expedição não havia obtido sucesso e, dessa forma, não conseguira contato com a tribo *Guacaris*. Ela omitiu o óbito do médico. Nunca mais vi aquelas pessoas nem me atrevi a retornar para Amazônia.

Você deve estar se perguntando qual foi a grande lição de vida que disse no início deste relato que aprendi em meu voluntariado missionário naquela expedição. Pois bem: ainda não acredito nas lendas da Amazônia, mas que diferença isso faz?

---

[1]Fundação Nacional do Índio.

Colección Antologías, Número Dos.

cebusal.es

edicionesambulantes.com

cebusal.es

edicionesambulantes.com

Table of Contents

Índice
Apresentação
Presentación
A Guerra da Poeira
Tristes Trópicos
Espírito de porco
O dia em que os Espanhóis chegaram
Awaxi-á (uma lenda brasileira)
Remini o quê? Reminiscências, mano.
Onde canta o sabiá
Emboscada
Maria do Brasil
Cacique
Amazonas